

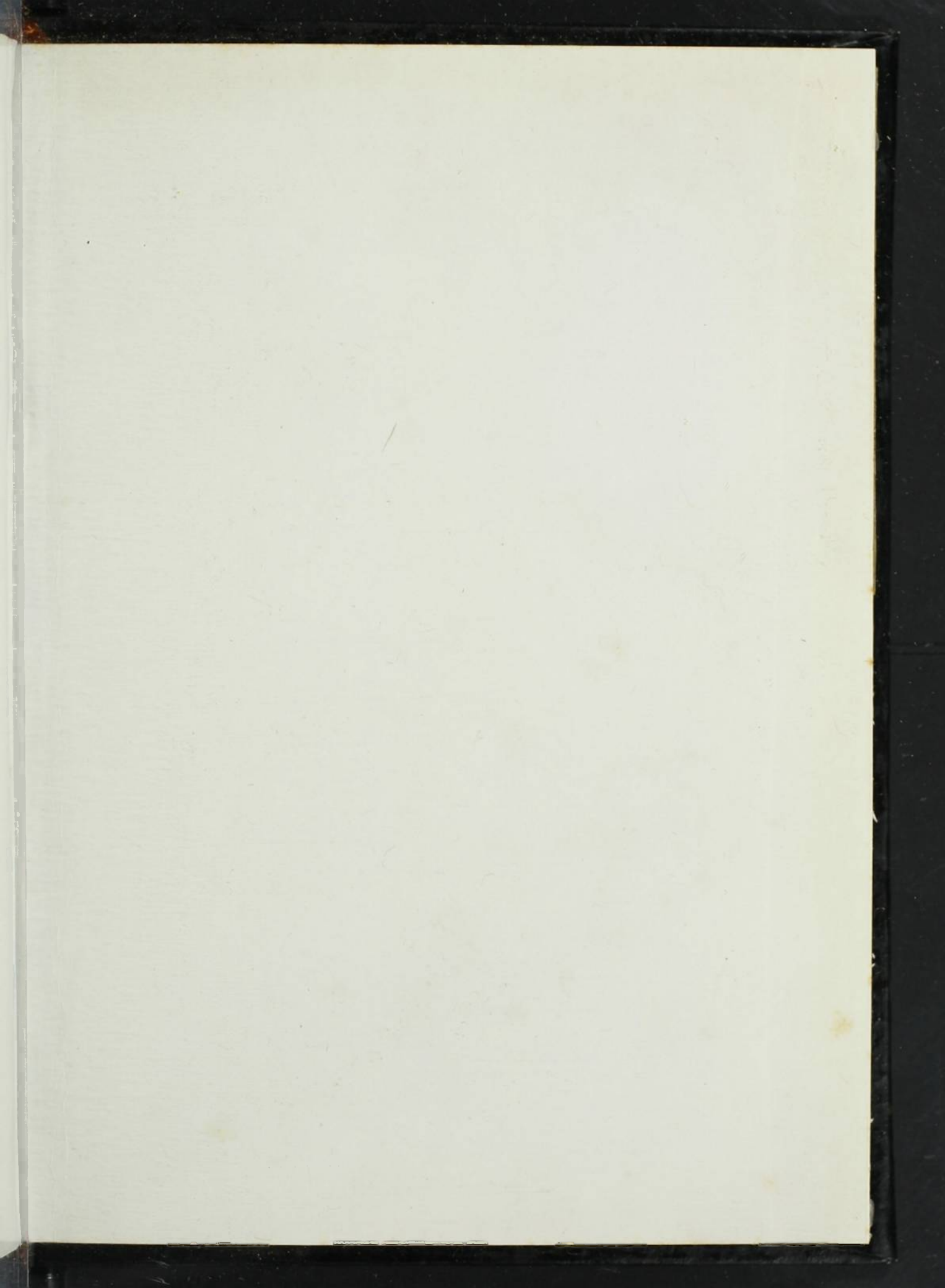
Carneiro Vilella

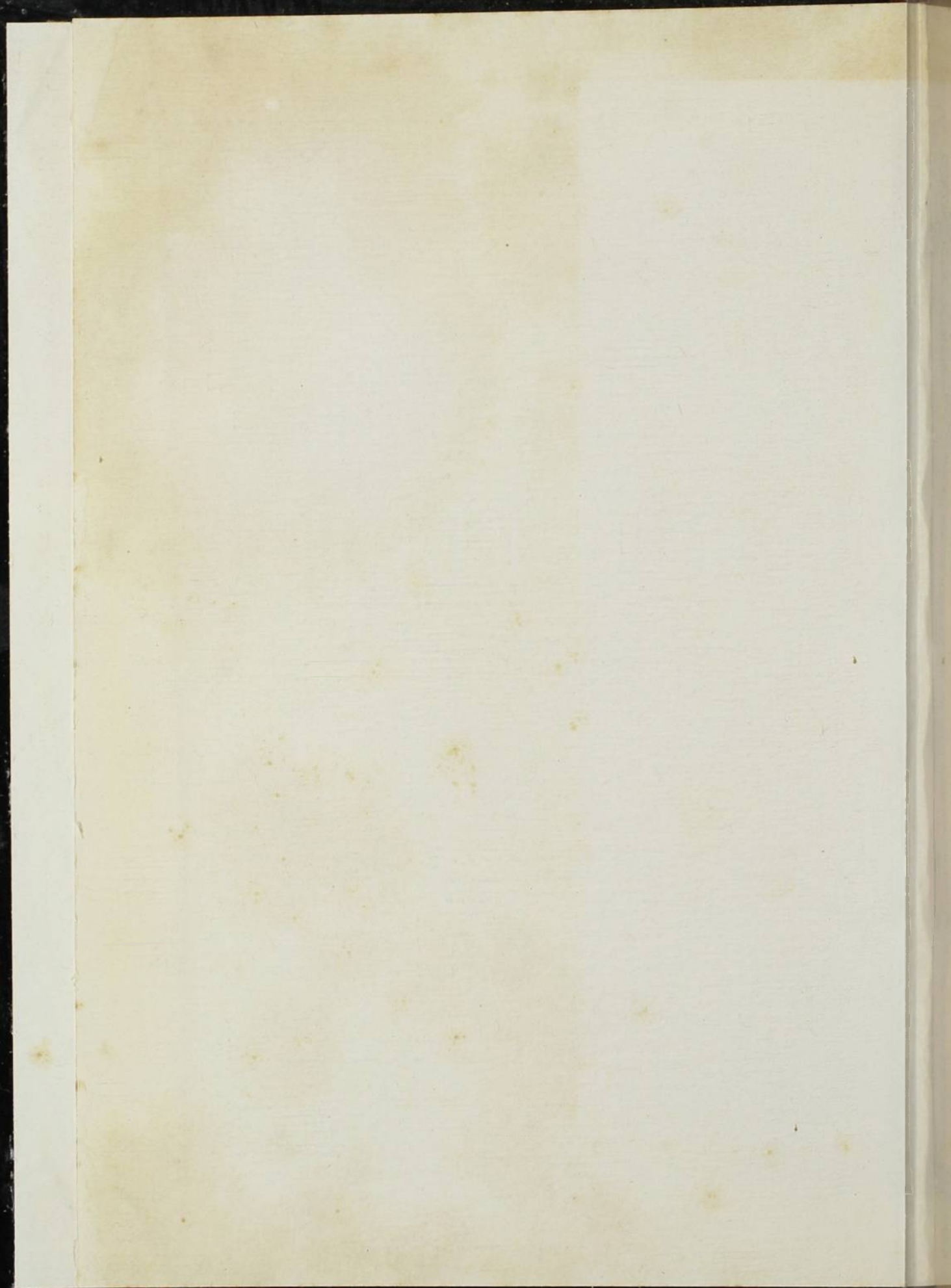
O ESQUELETO

le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin





Bibliotheca d'A PROVINCIA

CARNEIRO VILELLA

O ESQUELETO

CHRONICA PHANTASTICA DE OLINDA

2.- EDIÇÃO

Recife

Empreza d'A PROVINCIA

Rua Quinze de Novembro ns. 49 e 51 e caes da
Regeneração ns. 42, 44 e 44 A.

1894



BIBLIOTHECA D'A PROVINCIA

CARNEIRO VILELLA

O ESQUELETO

CHRONICA PHANTASTICA DE OLINDA

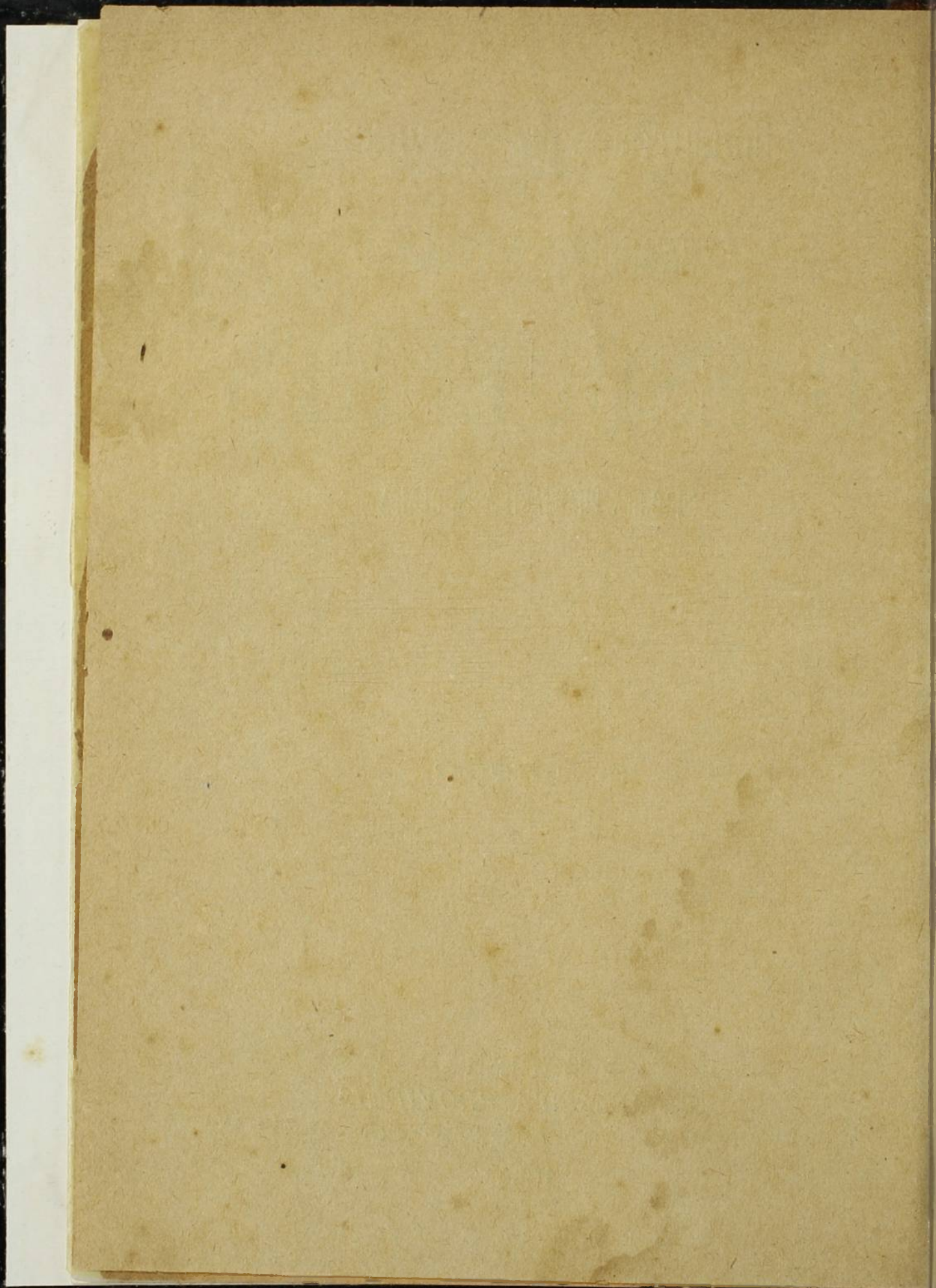
2. EDIÇÃO

RECIFE

EMPRESA D'A PROVINCIA

r. do Imperador, 49 e 51 e caes da Regeneração, 42, 44 e 44 A

1894



O ESQUELETO

CHRONICA PHANTASTICA DE OLINDA

PROLOGO

Por uma d'essas tardes deiradas, tão cheias de luz e de vida, d'essas tardes de que é prodigo o bello céu pernambucano, iamos nós, eu e Luiz, meu amigo intimo e mais velho do que eu apenas uns tres annos, passeiando de braço pela extensa e arenosa restinga que une, como a miniatura de um isthmo, o bairro do Recife á poetica, gloriosa e arruinada Olinda.

Embehdos iamos nós, ora a conversar em poesia e litteratura, que era então o nosso thema predilecto, ora em nossos proprios pensamentos que se casavam ás vezes como as harmonias de dois orgãos que fossem tocados por mãos invisiveis.

Já tinhamos deixado atraz de nós as ultimas casas do bairro do Recife, que são como as portas da cidade por aquelle lado; já tinhamos contornado a fortaleza do Brum, fronteira á barra e atalaia prompta para sua defeza e entranhavamos na estreita estrada de areia, banhada pelo rio de um lado e pelo mar do outro.

Iamos então silenciosos caminhando absortos e appressados por causa d'essa necessidade, que sente o homem, de andar agitadoamente, quando os seus pensamentos gallopam e elle tem, por assim dizer, de acompanhá-los na sua carreira de Mazzepa.

Em que pensavamos nós? Em que pensam dous mancebos de vinte a vinte e tres annos, quando passeiam por um logar solitario e poetico, quando têm diante de si, a um lado, o sol a mergulhar-se em ondas de verdura, como uma immensa hostia, que se abaixa depois da symbolica elevação e nuvens ornadas de ouro, em um fundo purpureo, cortado por veias de todas as côres — e a seus pés, o panorama soberbo das montanhas recortadas, onde se encostam as casas, e mais a baixo no primeiro plano os coqueiros a balouçarem-se aos potentes esforços do vento das tardes — e do outro lado a extensão infinita do mar, com os seus eternos marulhos, suas ondas alterosas, seus lenções de alvissima espuma e por fim, se confundindo com as nuvens côr de chumbo que precedem o carro estrelado da noite; as vellas latinas de algumas jangadas guiadas

pelo Deus da misericórdia e em busca de umas pobres famílias que na praia as esperam murmurando orações ?

Em que hão de pensar dous mancebos na primavera da vida, na manhã de seus annos, quando os sinos de duas cidades fronteiras — mãe e filha — vibram a hora em que o anjo annunciou a Maria e os dous echos acordados, ao mesmo tempo vibrados, vêm encontrar-se e formar um concerto desconhecido e grave sobre as nossas cabeças ?

Nessa hora o sentimento que predomina é a melancolia. A saudade então firma em nossa alma o seu imperio poderoso e reina em toda a extensão do seu doce e fero despotismo.

A tristeza usurpa o throno á alegria.

Ambos nós estávamos tristes e portanto pensativos. Eu lembrava-me de Olinda que se erguia á nossa frente, quasi confundida já com as sombras da noite e comparava o esplendor do seu passado brilhante, á luz mortíça e expirante do seu presente de ruínas ; a riqueza do tempo, em que as fechaduras das suas portas eram de ouro e de prata, com a pobreza de agora ; os feitos grandiosos de que foi ella o theatro, com as miserias que agora carcomem o seu seio.

Si, na phrase do harmonioso e hoje esquecido poeta Joaquim Ayres de Almeida Freitas,

Olinda ! Olinda ! ao coração tu fallas
na tacita expressão da imagem tua...

ah ! não és mais do que a sombra de uma pyramide soberba, que apenas se póde projectar nas areias de um deserto !

Tu és como a mumia dos reis que, recorde embora as glórias dos imperios afamados, não deixa nunca de ser o pó e as cinzas desprezadas de um cadaver !

O que és tu ? porque morreste ? o que é feito de tuas grandezas passadas ?

O tempo... não ! a ingratição dos teus filhos passou sobre ti, como a colera de um senhor e estragou te.

Ingrata patria ! não é muito que deixes derrocarem-se as pedras do arco triumphal da tua historia, quando, Saturno moderno, tragas os teus filhos, com medo do futuro !

Esses pensamentos mais desenvolvidos, mais intensos, mais pungentes ainda, assaltavam-me o espirito e iam acordar no meu coração, a par da indignação legitima, a suavissima saudade.

Luiz pensava no mesmo, ta lvez.

Iamos assim, havia tempo quando, de repente o meu companheiro parou e como conclusão a algum raciocinio intimo, articulou mansamente :

—E' aqui.

--Aqui ? —perguntei-lhe eu.

—Sim.

—Como ? julgas então que foi este o sitio, onde existiu S. Jorge o heroico forte em cujas pedras se esculpio o primeiro canto dessa epopeia pernambucana, que se chamou mais tarde —a guerra hollandeza ?

—S. Jorge !... repetio elle vagamente — que S. Jorge ?

—O forte onde João Fernandes Vieira com mais trinta e sete companheiros, tão heróes como elle, bateu durante tres dias e tres noites o exercito hollandez, forte de tres mil homens.

—Ah ! foi aqui tambem ?

—Tambem ?... mas estás enganado.

—Como ?

—Está provado que o lugar, onde existio esse baluarte, de nossa gloria, é o mesmo onde hoje se acha edificada a pequena capella de Nossa Senhora do Pilar.

—Ah ! .. sei !...

—Então porque disseste ?...

—Não era d'isto que eu fallava : referia-me a outra historia mais recente.

—Patria ?

—Não.

—Romantica ?

—Quasi.

—Ora : pêta provavelmente.

—Não, senhor ; real. Foi-me contada por meu pai, que conheceu o protagonista.

—Neste caso, conta-a.

—E' horrivel.

—Tanto melhor : o scenario é esplendido para uma historia de arrepiar os cabellos e demais a hora é propicia.

A noite começava a cair.

Luiz continuou :

—Mas antes dize-me : sabes o nome deste lugar ?

—E' o isthmo de Olinda.

—Fallo d'este lugar que pisamos ?

Olhei em torno de mim ; a nosso lado destacavam-se, sobre o negro do céu, os braços, o madeiro e a peanha de uma immensa cruz de pedra, muda e eloquente testemunha que atesta a quantos demandam as terras da antiga Mauricéa, que um povo filho do Calvario habita aquellas paragens.

Respondi então ao meu amigo :

—Sei, chama-se a *Cruz do Patrão* : é o lugar onde antigamente eram enterrados os negros novos, que ainda se não tinham baptisado.

—Justamente.

—Então já sei tambem que é uma historia de almas do outro mundo que me vais contar ; pois desde já previno-te de

que não acredito n'ellas — conclui eu por entre uma gargalhada de sincero scepticismo.

— Não te rias — replicou o meu amigo — elle tambem ria.

— Elle ?... elle quem ?

— A pessoa com quem se passou a historia.

— Ora pétas !

— Não brinques.

— Tu me assustas assim.

— Oh ! si soubesses a historia... estarias a tremer como eu.

E Luiz tremia realmente.

— Estarias pallido, como eu.

— Ora, meu Luiz : isso é effeito do vento frio que começa a soprar do lado do mar.

— Não é.

— Eu te conheço : tu és forte e corajoso...

— E' verdade ; contra os homens.

— Então ?

— Mas contra Deus .. oh ! sou fraco, ainda mais fraco do que uma criança.

— Todos nós o somos.

— Olha.

Luiz estendeu-me a sua mão alva e tremula. Segurei-a e senti correr pelo braço e ir até ao coração uma sensação dolorosa.

A mão, que o meu companheiro me estendia, estava fria e humida como uma lapide de gelo.

A noute tinha cahido inteiramente : e no oriente começava a alevantar-se magestoso e sereno, como Diana do seu banho, um globo de ouro,—a lua.

O sitio, onde estavamos era pallidamente allumiado.

Lancei os olhos ao redor de nós e foi então que conheci o agreste horror que alli reinava.

O vento que batia na areia semelhava um côro de gemidos : o rio, que banha a praia mansamente, parecia um exercito de phantasmas successivos, que vinham-se approximando subtilmente e pouco a pouco.

O mar do outro lado latia furioso, como o animal ao sentir avisinhar-se o perigo,

E além de tudo isto, a sombra e a luz—eternos inimigos—que desenhavam no chão as figuras mais phantasticas.. e a chamma azulada que serpenteiava na areia, aos pés da cruz, como um enxame de cobrinhas de fogo... tudo... tudo concorria para augmentar esse horror.

Estremeci a meu pezar.

Luiz estava no auge do terror : dir-se-hia assombrado.

— Conta-me a tua historia—repliquei-lhe eu, querendo ainda

gracejar. Tens aqui todos accessorios de uma historia tenebrosa.

— Oh ! não brinques, pelo amor de Deus : Elle póde nos castigâr.

— Conta-a sempre.

— Não : aqui não.

— Aonde então ?

— Em casa.

— Então vamos.

Demos de novo o braço e voltamos pelo caminho já andado.

A' proporção que sahimos do logar fatal, o medo se ia dissipando, até que, añimando-me a coragem, dei uma gargalhada.

— Oh !—disse-me Luiz a tremer e tão baixo que mal se ouvia— não brinques !... si *ella* fosse apparecer...

— Ellaquem ?... *ella* pessoa ?

— Cala-te !

Luiz parou, como que applicando o ouvido, e depois de rapido silencio, murmurou muito baixinho, mal podendo se suster :

— Ouve.

— O que ?

— Não ouves ?

Appliquei o ouvido : era tudo de um silencio relativo.

— Como ?!—observou Luiz meio zangado— não ouves o som que produz uma canôa que voga ? não ouves o barulho da vara quando cahe e corta as aguas ?

Tornei a applicar o ouvido. Só percebi o gemido do vento, o murmurio do rio e o rugido do mar. Olhei ; e nem no rio, nem no mar vogava canôa alguma.

— Não ouço nada - disse eu.

— Nem vês ?

— Nem vejo.

Luiz tremia, sustido no meu braço, sem ousar voltar o rosto para traz.

Continuamos a andar no mais profundo silencio.

De repente, o meu companheiro, apertando-me o braço com mais força, murmurou tremidamente ;

— Ouve ! não te pódes enganar : agora ouço distinctamente.

E estendia o braço para a frente, quando a sentinella da plataforma da fortaleza do Brum, gritou com voz sonora :

— Quem vem lá ?

— Amigos— respondi eu.

— Passem de largo.

— Ora, graças a Deus—murmurou o meu amigo mais animado—o que eu ouvia eram os passos da sentinella pela muralha da fortaleza.

Mas ainda tremia.

Quando chegámos á casa, Luiz cahio em uma cadeira, completamente extenuado.

—E a historia? —lhe perguntei eu.

—Vou contar-t'a — respondeu-me elle com um suspiro :
E contou-me, pouco mais ou menos, o que se segue.

O ESQUELETO

I

A algumas leguas distante da capital da provincia do Ceará, morava em engenho proprio uma familia honrada e composta de cinco pessoas.

Eram ellas : o Sr. Ludovico, proprietario de engenho, tenente-coronel da guarda nacional, official da ordem da Rosa, por serviços prestados já ou ainda por prestar, e velho de cincoenta e cinco annos pouco mais ou menos ; a Sra. D. Marianna, sua mulher, respeitavel senhora que confessava quarenta e cinco annos, mas tão robusta e conservada que todos lhe davam apenas quarenta ; Felippe, seu filho, rapaz esperto e bonito, que muito se fiava nos dezenove annos que já tinha e nos bigodes que ainda apontavam ; Laurinda, sua irmã, morena dengosa e sempre risonha, bella como todas as cearenses, que não são feias ; e, finalmente, Livia, menina de quinze annos, ingenua, sympathica e melancolica como bonina isolada e perdida no meio de um canteiro de alecrins.

Era sobrinha de Ludovico e orphã. Tinha ficado com tres annos ao morrerem seus pais, de uma peste que assolára o Ceará em 183... e com horas apenas de intervallo.

Ludovico, seu tio legitimo, velho honrado e cultivador das tradicções de justiça, hereditarias em sua familia, recolheu-a em sua casa e educou-a como filha predilecta e mimosa, esperando encontrar no futuro uma amizade para sua velhice e um anjo de consolação nas suas horas de agonia—horas amargas que a todos atormentam, principalmente áquelles que fazem da probidade e da honradez uma religião.

A caridade delicada do bom tio não se enganára.

Livia era, no tempo em que se passa esta historia, uma linda menina de quinze annos, linda, dessa belleza pura e fresca que se contempla nas innocentes creações de Raphael e ingenua, dessa ingenuidade que não é fingida, mas sim que se evapora do coração, como o aroma da magnolia, ou como o atomo do incenso, que remonta aos céos e vai attestar aos anjos de lá que na terra vaga uma irmã.

Livia era assim. Seu rosto tinha a pureza das estatuas gregas sem ter a sua rigida inflexibilidade de fórmis: encantava.

Morena e corada como o jambo ao primeiro despontar das alvoradas de Dezembro, ella traduzia nos olhos rasgados e pretos os mais eloquentes symptomas de uma doce volupia, ainda desconhecida e não sentida pelo seu seio de virgem.

Uma melancolia constante errava em seus lábios, onde o sorriso, que arfava, morria depressa, deixando uma frescura e um encanto, que se espalhavam por todo o semblante, como a última harmonia de um canto interrompido, e que ainda os nossos ouvidos parecem ouvir.

Livia tinha a idade com que o Genesis apresenta a primeira mulher no paraizo : e Livia amava.

A sua melancolia solitaria era o sonhar constante do amor que lhe embalava o coração.

A linda menina amava Felipe com toda a simplicidade de suas quinze primaveras e com toda a grandeza de uma alma de mulher.

O seu amor era retribuido : Felipe, creado com Livia, abrigando-lhe a infancia no desvalimento da orphandade, começou por estimar a menina, como se ama a uma irmã.

Mas a creança foi se tornando meça, a irmã foi se transformando em prima. Os dezenove annos contemplaram os quinze : os olhos pretos e errantes de desejos e interrogativos de um fictaram-se nos olhos limpidos e impressionaveis da outra : os dois lábios sorriram-se unanimes : a mesma idéa despontou ao mesmo tempo nas duas cabeças crianças, como o mesmo relampago que aclara ao mesmo tempo dois horisontes conffrontes : a mesma causa fez palpitar os dois seios... e por fim, os dois primos se admiraram, quando n'uma noite, ao se despedirem depois do chá, sentiram que as suas mãos frias e húmidas tremiam, ao passo que as suas faces ardião de febre e os olhos não se podiam encontrar sem corar.

Tinha nascido o amor, e o amor da juventude, o primeiro amor de duas almas sem mácula, o amor que tem por base a amizade, isto é : a firmeza.

Amaram, pois, e eram felizes.

*
**

Eram dez horas do dia.

Toda a familia do engenho *** se achava sentada á mesa, em roda de um succulento e delicado almoço. Alguma cousa de frio e cheio de reserva, porém, pairava por sobre a cabeça de todos.

Ninguem fallava : nada se sabia : entretanto, esperava-se alguma cousa de extraordinario e de novo.

O silencio da natureza é o preludio da borrasca ; a concentração da nossa alma é o presentimento da desgraça.

Esperava-se.

Por fim, Ludovico cessou um momento de engulir o seu café nacional e contemplou Felipe por algum tempo ; todos os olhares seguiram a mesma direcção do seu.

O velho tenente-coronel murmurou :

—Ora bem !

—O que é que dizes ? —lhe perguntou D. Marianna.

—E' um bello mocetão, realmente ! continuou o senhor do engenho — Felipe já tem dezenove annos completos : não é ?

— Completinhos ! — confirmou a mulher — nasceu pela Paschôa do anno em que a trovoadá matou o garrote foveiro do compadre vigario.

—E' verdade ; lembra-me perfeitamente ; foi no anno de mil oitocentos e...

—Ora ! a data não vem ao caso...

—E' verdade ; deve estar lá nos assentamentos da matiz e deve igualmente constar da sua certidão de idade.

—E é quanto basta.

— Pois, sim, senhora, dezenove annos tem o rapaz : não é ser velho ; mas tambem já não é ser criança.

Felipe, sem saber porque, estremeceu interiormente.

A' Livia, seria impossivel definir o que por seu coração se passava.

O velho proseguio.

—Já sabe o seu latim... não sabes, rapaz ?

— Senhor, sim,

— Graças ao compadre vigario : — tartamudeou a cara metade do pai de Laurinda.

— Ora bem !... e agora diz-me cá : julgas que o lugar de quem sabe latim, como tu, é aqui ? n'este mato ? a lidar com brutos e com negros, com canras e moendas ?

— Eu não sei meu pai. .

— Tu não és destituido de intelligencia...

— Lá isso, não ! — observou promptamente sua mulher — memoria tem elle !

— Não te faltam os meios, graças a Deus ! e portanto, podes ter aspirações maiores e mais nobres do que ser simplesmente senhor de engenho ; isso é muito bom... lá isso é .. mas é ainda melhor quando está acompanhado com um titulo qualquer. Não achas ?

— Sim, Senhor...

— Ora bem. Estimo muito que sejas da minha opinião. Eu não podia te querer para matuto : as ambições de um pai para s. u filho são sempre nobres e legitimas.

— Sagradas ! — accrescentou o rapaz.

— Não será, portanto, bom que vás estudar direito na Academia de Olinda ?

Felippe sentio arrefecer-se o entusiasmo pelas ambições sagradas de seu pai, e Livia, que tudo tinha ouvido sem pestanejar uma só vez, sentio no coração uma sensação igual a que experimenta uma pessoa quando sonha que está cahindo. Faltou-lhe o ar; pareceu-lhe que se abria um vacuo no seu peito.

—Eu... eu... balbuciou o mancebo.

—Tu debes concordar commigo infallivelmente.

E, então, Ludovico desenvolveu, clara e intelligentemente, embora em linguagem rustica e mal limada todas as vantagens, que podiam provir para o filho, da posse de uma carta de bacharel, e concluiu dizendo peremptoriamente :

—A' vista do exposto, resolvi, de accordo com meu compadre vigario, te mandar para Pernambuco.

—Já resolveste?—perguntou D. Marianna, que era a voz passiva do activo Ludovico.

Já resolveu, papai?—perguntou por sua vez Laurinda, relanceando um olhar para os dois primos.

—Já, respondeu o velho official da Rosa—já, e sabes esta madrugada.

Felippe sentio uma tontura; Livia empallideceu como uma figura de cêra.

—Que tens, Livinha?—perguntou, solícita, Laurinda.

—Sinto que me falta o ar— respondeu ella quasi desfallecendo.

—Pois levantemo-nos.

Pediram licença ao pai e tio e sahiram da sala.

Felippe acompanhou-as com esse olhar pasmo, fixo e estúpido de quem não sabe o que lhe succede, e depois deixou escapar do intimo do peito um profundo e magoado suspiro : tinha acordado.

—Mas, tão depressa, meu pai?—disse elle.

—Não ha outro remedio; o paquete *S. Salvador* sahe amanhã ás quatro horas da tarde e de madrugada debes partir para a cidade.

Era inutil discutir... era mesmo inutil arriscar a mais ligeira observação.

Quando o tenente-coronel Ludovico resolvia fazer uma cousa, era como si já ella estivesse feita.

Felippe abaixou a cabeça e respondeu simplesmente :

—Sim, Senhor.

E levantou-se triste.

—Homem!... ficaste macambusio, rapaz? tu debes até estar alegre... vaes ver outras terras... vaes ver o que teu pai nunca vio... Ora vamos lá, Sr. futuro doutor!... Deixemo-nos de tristezas... e coração á larga. Você ha de vir passar as ferias cá no engenho. Não me esmoreça por tão pouco; lembre-se sempre de que é filho do tenente-coronel Ludovico e

de que um homem é um homem e um boi é um boi ! Venha cá.

E Ludovico, enfiando o seu braço pelo do filho, entrou com elle para o seu gabinete.

*
*
*

Era profunda a solidão que reinava no engenho.

A casa de vivenda, alva como uma aza de garça, avultava aos raios pallidos da lua, como um phantasma de gelo, no meio do negro das ramagens e do verde escuro das relvas.

A madrugada ia alta.

A natureza serena dormitava engolphada na paz e no mysterio da sua grandeza.

E com tudo, pelo ar passavam esses sons vagos, esses rumores saudosos, que não se sabe de onde vêm, para onde vão, nem onde estão e que, entretanto, se escuta, se sente, se aprecia, se estima, porque parecem lembrar ao homem, que vêla n'essas horas, de que elle não é só n'este mundo.

Os rumores passavam e se encontravam nos ares, formando um concerto de suavissima harmonia.

Um poeta arabe diria os genios da noite fallando dos seus amores sedentos, ou executando as ordens superiores de alguma odalisca enamorada.

Era o consorcio dos astros com as flôres : eram os segredos dos bosques murmurados ao ouvido das aguas, os mysterios do campo contados aos mysterios do oiteiro.

E dominando os rumores eolios, os rugidos das folhas e a solidão da natureza, campeava a lua, magestosa e soberba, como rainha da noite n'um céu limpo e brasileiro.

No relógio de parede da vivenda soaram duas horas ; e, ao bater da ultima badalada, os raios indiscretos do luar desenharam na relva a sombra de um vulto que se encaminhava a uma das janellas da casa.

O vulto parou ; volveu os olhos ao redor de si e espraçou a vista pela extensa campina que se estendia a seus pés.

Era tudo deserto.

Então o vulto aproximou-se da janella e bateu na vidraça : esta levantou-se subtilmente e ainda uma vez os raios indiscretos do luar vieram formar uma aureola de luz em torno do pallido rosto de Livia.

— Felipe ?

—Livia !

Seguiu-se um silencio, que resumia e traduzia os mais extensos e tocantes poemas de um amor de innocentes.

Romeu e Julieta, Paulo e Virginia não teriam tanta pureza. Foi Felipe quem rompeu esse encanto.

—Eu vou para o Recife, Livia.

—Eu ouvi meu tio dizer.

—E tu o que dizes ?

—Eu ?... eu digo...

Mas a moça não pôde proseguir, porque os olhos marearam-se de lagrimas e os soluços suffocaram-lhe as palavras.

—Choras ?

—Sim : não vês ?

—E porque, minha Livia ?

—Não vaes partir ?

—Mas voltarei.

—E . . voltarás tu ?

—Porque não ?

—O Recife é tão longe... tão grande, tão bonito...lá...

—Sim... o que tem lá ?

—O que tem ?... lá ..

—Dize, meu anjo.

—Lá ha tanta moça bonita !

De novo chorou o coração da menina.

—Não chores por isso — sussurrou o rapaz meigamente.

—Choro.

—Não te amo eu tanto, e desle criança?... Porque choras ? não te tenho sempre dado as provas mais fortes do amor e da amizade mais firme?... porque choras ? Não sou eu quem tem tantas vezes arriscado a vida para apanhar a flôr que desejava, ou para colher o ninho por que suspiraste ? Porque choras ? Não fui eu quem guiou os teus passos, quando começavas a andar ? quem entrança nos teus lindos cabellos pretos as corôas de fiôres, que ambos colhemos no jardim á tardinha, não sou eu ? Porque choras ?

—Oh ! aqui estás sempre a meu lado . . eu vigio por ti . . tu vigias por mim.

—E lá ?

—Lá ?... quem vigiará por nós ambos ?

—O nosso amor : as nossas almas.

—Nossas almas ?

—Sim.

—Pois bem : jura por minha alma que o teu coração se conservará sempre fiel ao nosso amor. . . jura !

—Juro.

—E eu tambem juro. Felipe, põe a tua mão sobre o meu peito ; não sentes como bate o meu coração ?

—Sinto.

—Pois bem : no dia em que me trahires, no dia em que te esqueceres de mim... elle cessará de bater.

—Não digas isto.

—Digo, sim : elle cessará de bater, porque estalará de dôr e, por entre as angustias do maior dos desesperos... morrerá,

—E, si fosse possível que eu te esquecesse... louquinha de minha alma, quem te diria esse dia ?

—Quem ? o nosso amor. Não disseste que as nossas almas hão de velar ?...

— Sim ; disse.

—Pois ellas velarão.

—Deus queira.

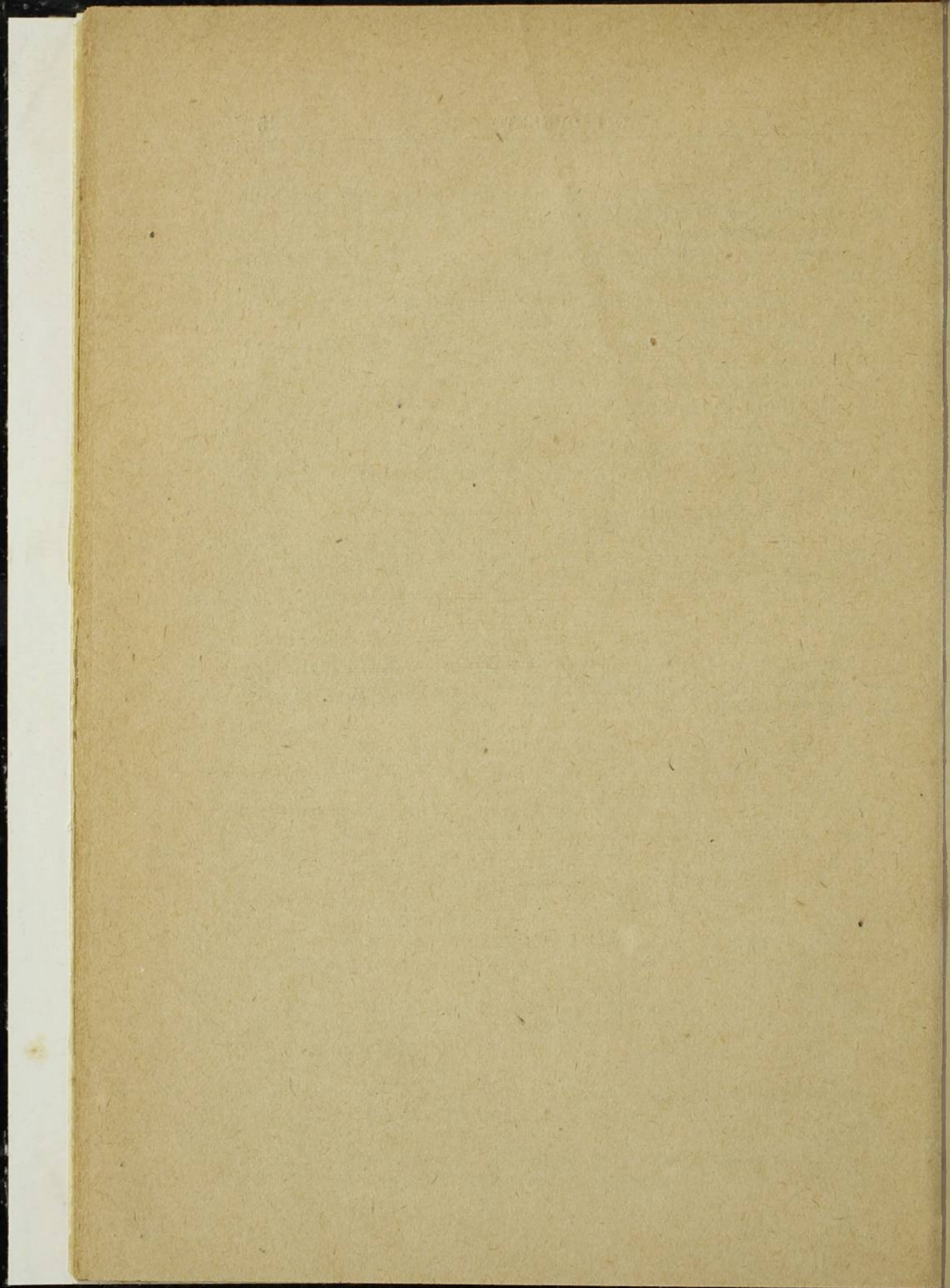
Novo silencio pareceu sellar este pacto de duas almas que se casavam perante Deus, tendo por testemunhas o céu e a terra, a natureza e a solidão.

—Amo-te tanto, Felipe !

—Amo-te tanto, minha Livia !... és tão bella, com esses cabellos pretos soltos assim e tão crespos !... os teus olhos são tão doces !... Amo-te tanto, Livinha !

.....

Quando o relógio de parede da vivenda vibrou cinco horas, a vidraça da janella estava abaixada e na campina reinavam a solidão e o silencio.



II

Felippe partiu. Dizer como ficou Livinha, depois desta partida, é quasi impossivel.

A moça chorou nas ancias da primeira saudade, sentiu no coração as garras aduncas da primeira dôr.

Entretanto, as lagrimas que de seus olhos cahiam de continuo, os suspiros que incessantemente faziam estremecer o seu seio, longe de acabrunharem-n'a mais, vertiam em seu coração um balsamo de consolação desconhecida.

E' que a menina desafogava n'elles a tristeza e a mágoa.

Estes symptomas de uma dôr aguda fôram pouco a pouco passando, até dar logar a um estado de atonia cruel, de uma melancolia constante e por isso sem tregoa.

O rosto da pobre prima de Felippe tornára-se, de pallido, diaphano. Mas não se pense que por isso perdera ella um ceitil só de sua belleza ; não ! tornára-se até mais formosa, mais linda.

Havia no seu semblante o quer que era de angelico, de divo.

Livia parecia uma melancolica estatua de alabastro.

Debalde Laurinda procurava sondar os mysterios daquella natureza mystica e tão virgem.

A's interrogações da prima, respondia a pallida moça com um sorriso tão doce, tão insinuante, que, a seu pezar, marejavam os prantos nos olhos da sua amavel interlocutora.

Afinal, abraçadas choravam ambas ellas.

A dôr é expansiva ; insinua-se, apodéra-se do coração alheio e amigo ; e então, quanto consolo não encontra aquelle que chora, quando vê n'uns olhos amigos as mesmas lagrimas que inundam os seus !

Essa afinidade da dôr estreita as amizades e anima as sympathias.

Feliz de quem tem um Cyrineu ! feliz d'aquelle cuja dôr sympathisa e não repelle ! feliz, sim ! porque será isso uma prova de que a dôr é sincera, de que o soffrimento é real !

Com Livia se dava assim.

A sua melancolia dominou toda a casa.

O Sr. Ludovico espantou-se, n'um bello dia, d'essa transformação invasora e tão rapida.

Indagou a causa.

Laurinda tudo contou-lhe e o velho, que adorava a sobrinha, como se fosse sua filha, mandou-a chamar.

*
**

O que conversaram os dois ? que esperanças derramou aquelle velho no coração da ingenua e innocente menina, tão amante e até agora tão triste, para fazel-a sahir de ao pé de si tão satisfeita, com o olhar brilhante de prazer e o sorriso a brincar-lhe nos lábios ?

Ha momentos e situações na vida em que uma palavra tem a augusta magestade das sybillas antigas ; transforma as impressões da nossa alma e faz de um inferno de dúvidas um paraíso de esperanças.

Eis o caso.

Livia lançára-se aos braços do tio, como o naufrago á taboa que boia a seu lado, qual unica via de salvação possível ; e, pura como era, incapaz de mentir, insciente ainda dos manejos com que a sociedade disfarça as verdades e os sentimentos mais profundos, contára tudo a seu tio. Abrira-lhe inteiramente o coração até o mais recondito escaquinho. Como começára o seu amor nos jogos infantis de sua vida ; como crescêra e augmentára, á proporção que ambos, ella e o primo, sentiam avizinhar-se a puberdade ; como se embriagaram ambos daquelle sentimento tão puro e tão ardente—ambrosia do céu em corações como os seus—; como palpitára de medo e de dôr, ao saber do resolução que de si affastaria seu primo—o primeiro sonho da sua virgindade - ; como chorava agora esta ausencia... tudo Livia contou, tudo.

O velho sorria. Lembrava-se do seu tempo, dos tempos do seu primeiro amor e reconhecia aquellas esperanças, aquellas dores, aquellas oscillações, aquelles temores.

A sobrinha, ao acabar a sua confissão, estava acabrunhada : corava-lhe as faces o rubor d'aquelle esforço e d'aquella historia tão sincera e tão completa ; o velho tio acercou-se della e sorrindo, com este sorriso amavel e bondoso dos velhos que são pais e que são bons—murmurou-lhe ao ouvido :

—Ora bem ! não chores mais.

—Ah ! meu tio, e poderei deixar de fazel-o ? Não me acreditou ? julga então que não tem motivo a minha dôr ?

—Deus me livre de dizer essa blasphemia ; acho-a até muito justa e legitima.

—Então, meu tio, como quer que eu não chore ?

—E então como !... essa dôr, porém, não póde ser consolada ?

—Consolada ? quem sabe ?

—Sei-o eu.

—Vossa mercê ?

—Ora si !... Felipe ha de voltar... e então si fôr o mesmo... si estiver ainda com os mesmos sentimentos...

—Oh ! ha de estar !... elle ama-me tanto !

—Ora bem !... nesse caso, que Deus permitta, o remedio é facil, e deixa-me dizer-te com franqueza e logo de uma vez : o meu maior prazer é ver-te casada com elle.

—Ah !

Ha exclamações que resumem um mundo de palavras.

Livia ticha o coração a transbordar de alegria.

Um abraço no tio foi a sua mais solemne e ingenua manifestação.

O velho sorria.

Depois desta conferencia, em que o bom tio de Livia derramou tanta consolação em seu peito, fazendo brotar nelle as mais fagueiras esperanças, a tristeza profunda da menina foi pouco a pouco se desfazendo e dando logar a uma certa languidez pensativa, que ainda mais fazia sobresahir a suavidade e a correcção do seu rosto encantador.

Já o sorriso brincava-lhe nos labios, correspondendo á animação esperançosa dos seus olhos limpidos e transparentes de felicidade intima

Livia, distrahida, sempre apensar na ausencia do seu primo, gostava de seguir com o espirito livre de todas as peias a viagem provavel do seu amante.

A's vezes embebia-se tanto nas suas scismas, que os labios pareciam ciciar brandamente, como si a alma murmurasse uma prece.

Dir-se-hia então que o seu espirito e o de Felipe se haviam encontrado e conversavam.

Todos em casa respeitavam essas meditações.

Um dia, justamente o vigesimo depois da partida de Felipe, recebeu o Sr. Ludovico uma carta de seu filho.

*
* *

A moça retirou-se ao seu quarto e com ella fechou-se Livia.

Não é possivel pintar-se a commoção que se apoderára da pobre amante : as mãos tremiam, e a anciedade, o susto, o medo, o amor, a esperança, tudo se desenhára no seu rosto.

Laurinda rasgou o envulcro da carta e leu o seguinte :

« Minha Irmã.

« Perdôa-me si, antes de abraçar-te, te peço um favor.

« Amo nossa prima Livinha : si nunca o adivinhaste, si ella já não t'o disse, digo-te eu agora.

« O favor que te peço é bem simples e bem facil para ti que « és bôa irmãsinha : recebe as minhas cartas para Livia e mânda-me as d'ella ; sim ? »

.....

Abrio-a e dentro d'ella encontrou outra para Laurinda. Laurinda olhou para sua prima : ligeiras tintas côr de rosa esmaltavam as faces de Livinha.

—Como elle te ama !—murmurou a irmã.

—Como elle me ama !—suspirou a prima.

E as duas moças se abraçaram : eram ambas felizes.

A felicidade é como o sol : reflecte-se.

★
★

Outra carta vinha junta a de Laurinda ; era para Livia.

A moça tomou a corando e tremendo.

Era a primeira vez que recebia uma carta de um homem, e esse facto commovia-a, abalava-a, embora o homem fosse seu primo, quasi seu noivo, que assim o considerava depois da solemne promessa do seu tio.

Livia affastou-se um pouco de Laurinda e começou a leitura.

A prima, por uma delicadeza innata nos corações excepção-naes, como o seu, respeitou aquelle egoismo.

Como sua prima, tambem ella julgava uma profanação o communicar a estranhos a carta de um amante.

Ha perfumes que, espalhados, desmerecem.

Eis aqui o que a pallida e commovida moça leu com a profunda e attenta veneração dos verdadeiros apaixonados

« Livia.

« Transborda-me o coração de saudades neste momento : choro aquellas horas de amor innocente e travesso, em que eu me embriagava na luz do teu olhar suave como uma caricia, e doce como um conselho de mãe.

« Tenho tanto o que te dizer ; borbulham-me tantas idéas na cabeça e tantos sentimentos no coração . . que nem sei mesmo o que escrevo ! Entretanto, tudo o que sinto, tudo o que penso se pôde bem resumir n'uma palavra—eu te amo... amo-te sempre.

« N'esta longa e enfadonha viagem que fiz e que tão de subito veio arrancar-me ao encanto que eu gozava a teu lado, sómente uma lembrança me acabrunhava o pensamento—eras tu; sómente uma esperança me animava a coragem, a esperança de que, por ti e só por ti era que eu ia colher esses louros da sciencia, de que tanto fallava o nosso padrinho vigario.

« Bom velho ! bom padre ! quando o vires, beija-lhe a mão por mim.

« Comtigo no coração, comtigo no pensamento, cheguei ao Recife. Bella e magestosa é a cidade a surgir do seio das ondas, mas eu prefiro a pobreza do nosso engenho comtigo : buliçosa e agitada, alegre e viva, odeio essa cidade e prefiro aos seus encantos e luxo a monotonia e socego do logar em que vives, porque tu... só tu és a minha alegria, a minha viveza, o meu encanto, o meu luxo, o meu universo, emfim.

« Sem ti sou um corpo morto.

« Si eu te amo tanto !

« Já te escre o de Olinda. Aqui é tudo diverso : do plaino do Recife, succederam-se as fragosidades abruptas das ladeiras. As casas são feias, acaçapadas e tristes ; mas ha aqui mais natureza e por isso mais poesia.

« O Recife alegre, Olinda encanta ; aquella provoca o homem ao trabalho, esta á meditação ; a primeira é a cidade do operario, a segunda a do philosopho.

« Aqui deve-se estudar muito mais.

« Ah ! Livia ! quando voltarei para o teu lado, quando voltarei a realisar as esperanças de um amor que sinto dominar-nos e impellir-nos um para outro !

« Talvez duvides da minha sinceridade, lembrando-te que nenhuma resistencia oppuz a meu pai, quando elle significou-me a sua vontade de enviar-me para cá : o que dizes ? o que pensas ? não é assim ?

« Escuta-me, porém, Eu nada disse, nada oppuz por duas razões : a primeira a ambição : eu sentia-me intelligente, desejava e desejo tambem por isso possuir um pouco desse saber que illustra o homem.

« A segunda razão era o amor que te consagro.

« Eu imaginava e imagino ainda que os esforços que vou fazer, que o titulo que vou conquistar serão outras tantas perolas que juntarei á tua corôa de noiva.

« Agora, dize-me com franqueza : não te sentes orgulhosa com a minha coragem ?...

Chegando a este ponto, Livinha parou e engolphou-se em vaga meditação.

Depois, murmurou por entre um suave riso que lhe adejou nos lábios lindos.

— Sim ; é verdade : elle tem razão... sinto-me orgulhosa... mas eu antes quereria que elle não tivesse partido.

Seria o egoismo do amor que fallava, ou o presentimento que semeiava uma dúvida ?

A moça continuou a ler a carta :

« Estou hospedado, e ficarei morando em casa do nosso primo Azevedo, — um *veterano* — como aqui chamam, por já cursar os annos superiores.

« Connosco moram outros rapazes, um pouco levianos e muito folgasões.

« Quando me vêem triste e meditativo, riem-se... Ai ! mal sabem elles, que de saudades e de angustias me aperta o coração.

« Desculpo-lhes e riu-me com elles.

« Livinha, ousarei esperar uma resposta tua ?

« Adeus ! adeus ! ama-me sempre tanto como te ama o

«teu primo

Felippe. »

Livinha apertou esta carta ao seio, que regorgitava de ventura e no nome do mancebo peusou os lábios humidos no mais ardente dos beijos.

Era tão feliz neste momento a pallida virgem !

III

Emquanto Livia, venturosa, lia e relia a carta apaixonada, que lhe dera noticias de seu primo, este, em Olinda, tomava posse, por assim dizer, da vida de estudante.

Na ladeira da Sé, em um sobrado — que ainda hoje se póde ver arruinado e carcomido como um desses castellos allemães por onde passaram as revoluções dos homens e do tempo — moravam, com Felippe, quatro estudantes.

Descrever a vida d'essa Bohemia, naquelles tempos em que a Academia funcionava na antiga capital de Pernambuco, seria tentar um trabalho herculeo, senão totalmente impossivel.

Seria preciso para isso reunir e rasumir em um só quadro todas as extravagancias imaginaveis, todos os episodios extraordinarios que têm dado nome a Heidelberg, Salamanca ou Bolonha.

Não tentarei, portanto, metter hombros a semelhante tarefa. Direi apenas que os quatro filhos de Minerva, como então se dizia, eram os maiores pandegos do templo da sciencia e levavam tão longe a fama de suas façanhas, que só de ouvir os seus nomes se atemorizavam as velhas e estremeciam as moças, sem contar com as iras que sublevavam os animos paternos e fraternos.

D'entre os representantes da loucura — si é que se poderia estabelecer preferencias — o mais estroina, o mais cynico, na accepção propria da palavra, e não nessa de convenção que a moderna Faculdade de Direito introduziu, como moeda falsa, na circulação, ou, em termos mais expressivos, o mais libertino era justamente o primo de Felippe, aquelle mesmo a cujo respeito fallára este em sua carta, — o Azevedo.

A casa de Felippe era, pois, para o jovem e bisonho, ainda que intelligente, filho do Ceará, uma escola perniciosa e fatal; era um barathro de perdição; era o quartel general de onde partiam todas as ordens do dia para o desregramento e para a orgia.

Felippe, embora educado nos sãos principios de uma moral sévera e pura, via-se a braços, todos os instantes, com a seducção sempre nova e tentadora do vicio.

Era quasi impossivel, no meio de tão máos exemplos, que a sua natureza ignorante e por isso inexperiente não acabasse por succumbir á tentação.

Demais, revestiam o vicio de tão bellas roupagens, tornavam-n'o tão encantador, que a sua apparencia possuia a attrac-

ção dos abysmos e, longe de repugnar, fascinava. Cedo ou tarde Felipe havia de cair e, seguindo a ordem natural a todas as reacções, a sua queda deveria ser terrivel.

Todavia, enquanto não chegava esse tempo fatal, o manco conservava intacta a pureza da sua alma, intacto guardava o coração.

Da casa em que morava o moço cearense, o panorama que se descortina é soberbo e magestoso.

Nem mesmo a tão decantada bahia de Napoles, com a sua curva elegantemente graciosa e o seu Vesuvio terrivelmente caprichoso, lhe póde arrancar a palma da formosura.

De um lado, a sobresahirem do cimento do cabo S. Agostinho, que forma-lhes o fundo, as alvas casas do Recife com seus tectos de telhas vermelhas, as grimpas ousadas de suas torres esguias e por entre umas e outras o verde esfumado das arvores e os leques recortados dos coqueiros; a seus pés o oceano, — O Atlantico altivo — a marulhar nas suas cantigas matutinas ou a roncar furioso a nenia das tardes em luta incessante com os arrecifes da costa, — ora manso a lambar as alvas areias da praia de S. Francisco e a restinga, em que as duas fartalezas, Brum e Buraco, attestam a potente virilidade hollandeza; ora a arremetter insano, como o touro bravo, a tudo que se oppõe á sua marcha; e de outro lado, a perder-se de vista, uma extensa linha de arvoredos verdejantes, se balouçando ao sopro das brisas do mar; e ao fundo as immensas e recortadas cordilheiras que vão se perder no sertão.

Eis o quadro que a natureza se esmerou em desenhar naquelles logares.

Muitas vezes—quasi sempre — Felipe sentava-se a uma janella de peitoril e, na hora em que o sol se abysma por detrás das montanhas do occidente, deixava a vista embeber-se na vastidão d'aquelle mar sempre verde; seguia pensativo e triste a vela latina de alguma jangada que se destacava na linha do horisonte, e então lembrava-se do seu engenho, daquellas longas palestras, daquelles sonhos de amor e de felicidade.

Era rara a vez em que as lagrimas não corressem de seus olhos e os suspiros não pejassem o seu seio.

Si por acaso, alguns dos seus companheiros o encontravam n'essas occasiões, o pobre moço via-se obrigado a chorar, porém, de raiva. Todos procuravam aprofundar a ferida que assim fazia sangrar aquelle coração. Felipe, porém, era inabalavel no seu silencio: nada o intimidava; nada lhe fazia confessar o amor puro e sagrado, cuja saudade provocava aquellas lagrimas.

D'entre todos, o que mais se esforçava por penetrar o segredo do rapaz era o seu primo.

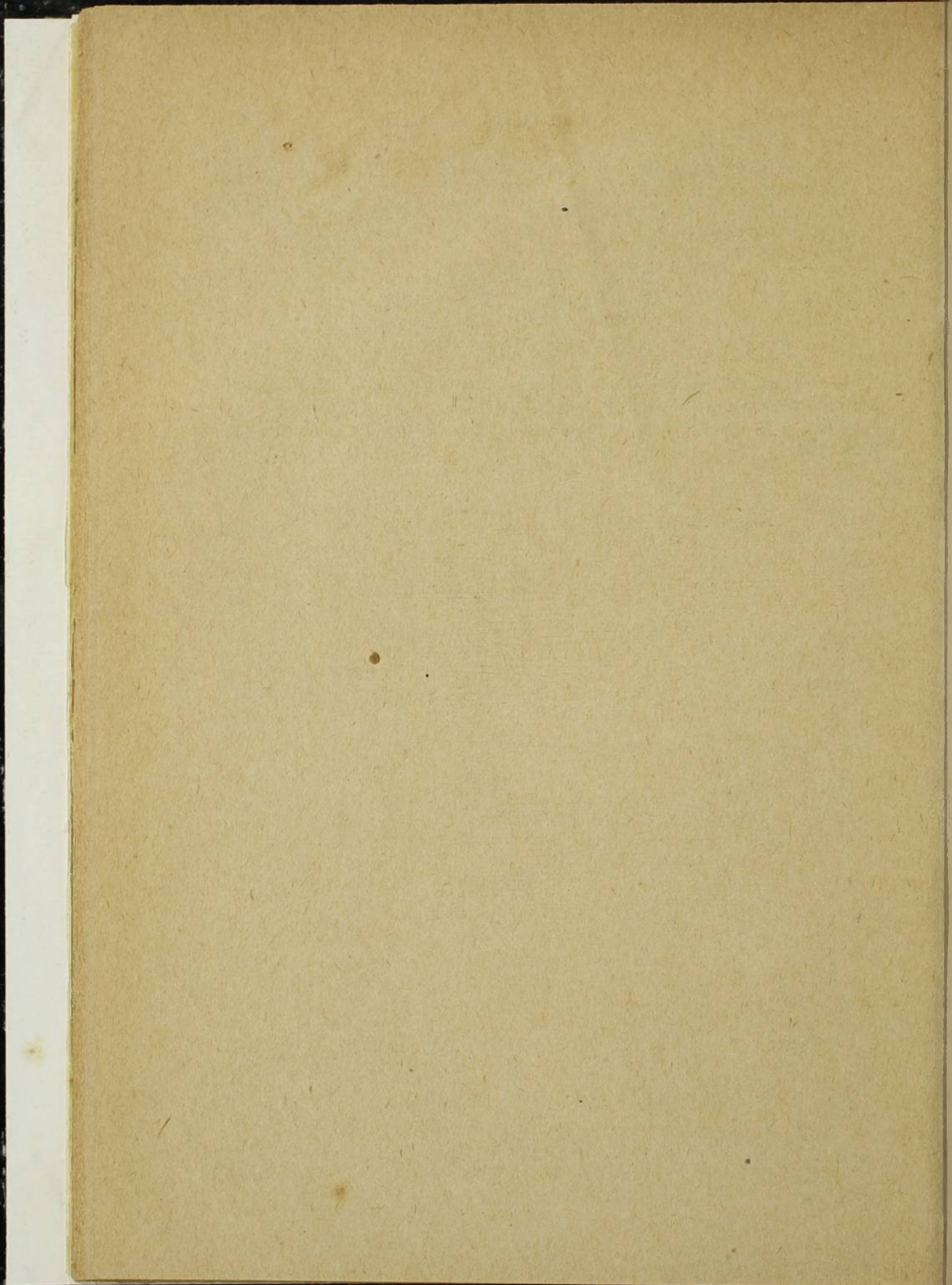
—Isto é algum amor encoberto!—dizia elle aos compa-
nheiros—alguma paixão infeliz.

E, com ar de zombaria acercava-se do primo e começava
a cantar com voz sonora :

Jovem *Lilio* abandonado
pela ingrata e falsa amante,
solitario e delirante
suspirava... na janella !

Os rapazes faziam côro na caçoadá e Felipe, afinal, não
tinha outro remédio senão rir-se também.

Era o unico meio de que podia lançar mão para escapar aos
gracejos.



IV

Assim passaram-se seis mezes, — seis mezes, durante os quaes Livinha, uma só vez, não desmentiu o profundo sentimento que enchia o seu coração ardente e apaixonado.

Entretanto, depois da grande alegria que lhe causára a carta do primo, mudança immensa se tinha operado em seu viver.

A melancolia de novo se apoderára da sua alma.

Si o riso, ás vezes, vinha estereotypar-se em seus labios, era para immediatamente fugir, sendo substituido pelas lagrimas pungentes que de seus olhos cahiam.

Triste viver era aquelle.

Nem os esforços de Laurinda, nem os gracejos allusivos de seu tio, nem os conselhos prudentes de sua tia, nada havia que distrahisse Livinha

A razão d'essa tristeza era simples : durante os seis mezes passados, grande mudança tinha havido tambem em Felipe.

Raras eram as cartas enviadas á prima, e n'essas mesmas já se não encontrava aquella firmeza de crenças, aquella pureza de sentimentos, aquelle entusiasmo de paixão feliz e por isso arrogante.

Nada d'isto ; o rapaz escrevia á sua prima como que por descargo de consciencia.

Dir-se-hia que elle a tratava como a uma namorada vulgar : parecia, a vista das suas ultimas cartas, que elle, escrevendo-as, cedêra ao impulso de um dever penoso e pesado, e não a essa embriaguez de prazer que sente todo aquelle que confia a uma amante as suas mais queridas esperanças.

De esperanças nem sequer elle fallava.

Livia parecia adivinhar o que se passava no coração do seu primo.

Muitas vezes, sentada ao pé de sua prima, ella começava a fallar de suas mágoas.

Estou triste, é verdade — dizia ella com uma placidez dolorosa — estou triste, muito triste.

— E porque ? — perguntava Laurinda sentindo borbulharem-lhe as lagrimas nos olhos.

— Porque ? .. nem eu sei ! .. parece-me que o coração me adivinha alguma grande desgraça. Sinto um acabrunhamento tão forte, uma languidez tão esmagadora, que só tenho vontade de uma cousa :—chorar, chorar muito !

—Não digas isto, minha prima, porque razão te has de entregar assim á mercê de uma tristeza sem aso, de um pezar dos motivos...de um presentimento...

—Presentimento!... sim! tu o disseste sem pensar e sem o querer... E' um presentimento e bem certo.

—Ora, Livia! e crês em presentimentos?

—Creio.

—Pensas então que Felipe já te não ama?

— Quem sabe?

Do seio da pobre e pallida moça escapou-se um suspiro profundo de mágoa.

—Si eu pudesse morrer... murmurou ella.

—Morrer! exclamou a irmã agoniada.

—Sim: eu seria tão feliz si morresse agora mesmo.

—Louquinha! porque dizes isto? para que me affliges assim?

—Laurinda... - observou a moça depois de uma curta pausa cheia de meditação — morrer não é um mal... não é uma desgraça...

—O que é então?

— Ah! ás vezes é a suprema felicidade!

—Credo!

—Peior do que a morte é o soffrimento!... e eu... eu sei... eu sinto que nunca mais serei feliz!

Um beijo da prima suffocou o suspiro que acompanhava essas palavras.

*
* *

CARTA DE COUTINHO A JULIO MOTTA

« Meu amigo.

« Pedes-me noticia da nossa republica? vou dar-t'as e com toda a minuciosidade.

« Affianço-te que gastarei n'esta carta mais tempo do que o que costumo desperdiçar com o estudo das minhas enfadonhas lecções.

« Nem isto era preciso dizer-te: tu bem o avalias.

« Depois que te formaste e d'aqui partiste, como diz o Camões

tão cedo desta vida descontente

o aborrecimento e o tediomaram conta do nosso poetico alcançar.

« Viviamos como anachoretas ou como ancorêtas vazias, tristes e quietos como frades de pedra, e lá uma vez ou outra iamós á *Floresta*, para distrahir as mágoas e tristezas que nos peiavam os corações juvenis.

« Talvez fosse melhor dizer que iamós para não perder o costume.

« Bem sabes que a *Floresta* é aqui em Olinda o mesmo que Versailles é na França... ou antes o mesmo que era em Paris o Palais-Royal.

« Reduzido isto a termos algebricos e historico-scientificos ou bestialogicos, o que quasi sempre vem a ser a mesma cousa — farei a seguinte proporção, que deixo á mercê da tua critica judiciosa e de peso :

« A Floresta : Olinda : : Palays-Royal : X

« O X aqui é Paris.

« Comprehendes, não ?

« Pois bem : era na *Floresta* que nós iamós *discutir*, mas poucas vezes, raras vezes mesmo.

« A nossa *discussão* era sempre pouco abundante de *assumpto*.

« Faltava-nos o companheiro inseparavel, o sal da nossa sociedade, o jogador, quero dizer : o prameiro esgrimista das nossas *discussões* ; faltavas tu, meu hom Julio Motta.

« A proposito, o que diabo fazes tu lá pelo sertão ! advogas ? casaste ?

« ... Si assim foi *parce sepultes* !

« Mas, voltemos á vacca fria.

« Nós eramos uns anachoretas ; sómente o Azevedo, que ficou entre nós, sendo o teu substituto, tinha o dom de nos arrancar, a mim e ao Fraga, da vida de cenobita que levavamos :

« e assim iamós nós por este mundo,
 « de déo em déo, em busca do infinito,
 « como em busca do pasto vai a cabra,
 « e como atraz da mãe vai o cabrito.

« Iamós assim, quando nos cahiu dentro de casa um tal Sr. Felipe, que pelo nome não perca, primo de Azevedo e rapaz tão macambusio e choramigas, que até parecia uma biqueira de chafariz.

« Ora vê si era possivel sermos mais desgraçados !

« Comtudo, tratamos logo de *educar* o rapaz, e, justiça lhe seja feita, não sei hoje quem é mais forte, si o discipulo, si os mestres ! Honra-nos perfeitamente.

« Assim honrasse eu ao Nuno e ao Coelho !

« Felipe é bonito rapaz e nasceu nos areiaes do Ceará, o que quer dizer que, quando veio para aqui, trouxe ou deixou, com toda a certeza, algum casamento ajustado com alguma gentil e morena priminha.

« Por lá as cousas são sempre assim : e é isto pelo menos o que davam a entender, no principio da sua estada entre nós, a longa serie de suspiros interminaveis e os rosarios de ais que o pobre diabo engrolava toda a noite e todo o dia.

« Triste sina !

« Nós, porém, domesticamos o urso : e hoje é bem diverso o tal marreco.

« Já não sou quem d'antes era.

« Já não chora ; já não suspira ; já não medita ; já não pensa ; e até, quasi já nem estuda.

« Só nos falta lhe tirar este vicio.

« E' quasi um outro este seu creado !

« Que estroina ! que perna ! que companheiro !

« E' o nosso braço direito ! Si temos de furtar um carneiro, quem salta o muro primeiro é o Felipe : si vamos metter medo á ronda da policia, é Felipe quem desanda a primeira cacetada ; e tem um pulso... safá !

« Não ha noite em que não vamos á *Floresta* : alli jogamos, quero dizer, discutimos, dansamos, bebemos e.... divertimos a grande.

« Felipe é alma de todos : sem elle não ha pagode, com elle tudo se emprehende e tudo se executa.

« E' intelligente, desabusado : zomba de tudo : de Deus e do diabo

« Já diversos companheiros nossos, querendo experimentar a sua bravura fingiram-se almas do outro mundo e vieram metter-lhe medo.

« Sabes qual foi o resultado ? Com um murro, Felipe quebrou os queixos de um e aos outros faria o mesmo, si elles não tomassem a prudente resolução de deitarem a correr.

« E' um valentão e tem fama.

« Outra fama tem elle e merece-a —justiça lhe seja feita — é a de namorado.

« Si soubesses quantas meninas elle por ahi traz illudidas ! quantas por ahi andam remando, á maneira de balão cheio de gaz !

« Ora vê como o patife aproveitou bem as nossas lecções !

« E fazem apenas dez mezes que elle chegou de sua provincia.

« Ha alguns dias — foi a semana passada — fomos a uma patuscada de truz lá para as bandas de *Páó Amarello*.

« Era nosso programma uma pagodeira das nossas. Eramos dezoito.

« Para obter dinheiro, vendemos até os compendios, e Felipe empenhou o relógio.

« Cahimos no meio d'aquelles mocambos e d'aquella gente, como os raios de uma noite de tormenta entre as plantas de uma varzea.

« Que pagode, meu Julio ! que samba ! Passamos alli tres dias e tres noites.

« E' inutil dizer-te que não se dormiu. Felipe fez o diabo a quatro.

« Quando voltamos para Olinda ficava aquella gente de *Páó Amarello* com tres mulatinhas de menos.

« Agora, onde ellas estão e quem as tirou de lá, só te poderá dizer o Felipe.

« E' o caso de se dizer como o *Pedro Malas Artes* :

« Todas tres, senhor meu amo ?

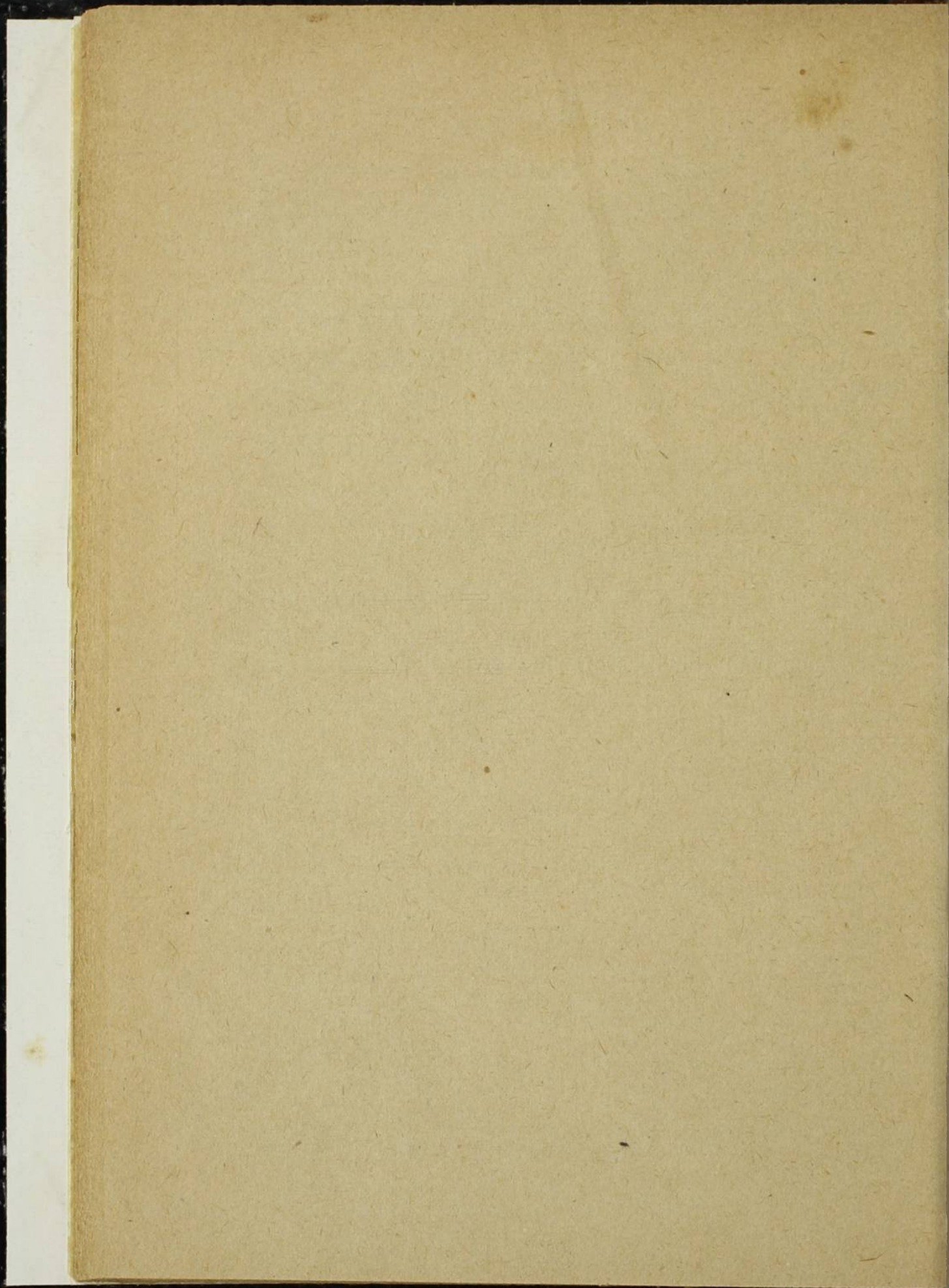
« Então ?

« Eis a nossa vida. Não é má, não ; mas poderia ser melhor, si entre nós estivesse tu.

« Lembranças do Azevedo, do Fraga, do Amando, do Castro, de todos, finalmente, e com muita especialidade do

teu amigo velho,

Coutinho. »



V

A vida de Felipe tinha mudado completamente. Segundo a carta de Coutinho, o moço cearense, de bisonho e melancólico, se tornára extravagante e estroina.

Teria acaso essa mudança influido no seu coração? E' no que não pôde haver dúvida.

Seria impossivel que, ao transformar-se tão radicalmente a indole de Felipe, no seu coração se pudesse conservar intacta e pura a imagem candida d'aquella donzella que tanto o amava.

No meio das suas extravagancias e doudices, ainda ás vezes vinha brincar-lhe no pensamento a lembrança suave daquelle amor, que tanto enchera a sua vida nos primeiros tempos da sua mocidade.

A saudade então apoderava-se de toda a sua alma e elle chorava ainda aquella ternura, aquella innocencia de coração, que tanta ventura lhe dava.

Nesses dias, Felipe isolava-se; procurava os ermos e ahi embebia-se na saudosa meditação do seu passado.

Ah! — exclamava elle com amargura sincera — ah! maldita seja a hora em que me ausentei de meus pais! maldita seja a sêde de saber e de gloria que me arrastou a esta cidade devassa e corrupta!

A fronte pendia-lhe para o peito e depois, por entre amarga torrente de suspiros, continuava em seu monologo:

— Eu era tão feliz ao lado de Livia! era tão puro o seu amor! tão candida a sua ternura e tão descuidado o nosso viver! Que de felicidade sonhámos! . . . e hoje . . . quando, por acaso, voltar para o seu lado, que contas darei eu d'esse amor que ella me confiou com tanta segurança? como corresponderei ás esperanças que formou a pobre menina? . . . Ah! meu Deus! meu Deus! si eu pudesse voltar ainda ao meu antigo estado!

Algumas lagrimas espontaneas humedeciam as faces do mancebo.

Esses momentos amargos, esses monologos raros, eram o resultado das ultimas lutas da consciencia, que agonisava, revoltando-se, sob a garra despedaçadora dos vicios.

O espirito — a alma do mancebo — naturalmente formada para o bem, o seu coração, que recebera — terreno virgem ainda — as sementes da mais pura moral, succumbiam pouco a pouco

ao influxo dos exemplos máos, á violencia das paixões desregradas, sim ! mas, nem por isso deixavam de revoltar-se.

De vez em quando, como o lutador que aproveita a fraqueza passageira ou o descuido rapido do adversario que o subjuga, a alma e o coração do mancebo procuravam recuperar as vantagens perdidas e espancar para longe o enxame negro dos seus inimigos immoraes.

Mas, era um instante : as paixões, que já o dominavam de sobra, reagiam de prompto, e as crencas puras e santas da infancia esmoreciam de novo ; e a consciencia, como o afogado a quem falta o apoio que o sustinha sobre as aguas, se afundava, embora lutando sempre no barathro medonho dos vicios

Era uma queda paulatina e por isto mesmo sinistra.

*
* *

Em uma daquellas occasiões, em que o primo de Livia chorava, — novo Mario — sobre as ruinas de sua propria felicidade... quando o remorso pungia-o como um latego da justiça divina, e o fiel da balança de sua vida parecia inclinar-se para o lado da virtude... o Azevedo — o pandego substituto de Julio Motta — foi enconral-o, como o Mephistopheles daquelle Fausto e, batendo-lhe no hombro, exclamou :

— Oh, *Child Harold* de Olinda ! em que pensas tu tão succumbido ?

— Deixa-me.

— Dir-se-hia que morreu-te a cadellinha preta.

— Não gracejes ! estou n'um d'esses momentos de reacção moral e peço-te que...

— Ai, ai, ai, meus peccados ! já sei o que é. Voltas ao teu antigo estado de mysantropia massante ?

— Não.

— O que é isto, homem ? estás sonhando ?

— Não : acordei emfim e...

— E, como quem acorda, estás espreguiçando a alma.

— Não digas asneiras.

— Mão.

Azevedo sentou-se ao lado do primo.

— Fallemos com franqueza : estás doente ?

— Não.

— Falta-te dinheiro ?

— Não.

— A namorada enganou-te ?

—Ora !

—Tambem não seria a primeira nem a ultima.

Felippe suspirou.

—Homem, com franqueza : o que sentes tu ?

—Não sei ao certo , estou triste : eis tudo.

—Aposto que recebeste alguma carta do Ceará. Essas cartas de familia têm esse inconveniente : entristecem e aborrecem quando não trazem dinheiro : Recebeste ?

-- O que ? dinheiro ?

—Não : a carta.

—Não.

—Então são saudades o que tens ?

—Talvez.

—Pois olha, meu amigo : ha uma modinha que diz com muita razão :

as saudades são securas,
quem tem sede, bebe agua !

Felippe não poudo deixar de sorrir... A presença do amigo já começava a produzir o seu costumado effeito.

Os bons sentimentos iam pouco a pouco batendo em retirada.

Ha sempre um Satanaz que nos tente nas nossas horas de virtude.

A tentação de Christo é um symbolo.

Azevedo, depois de pausa, continuou :

—Pois deixa-te d'isso ! quando te quizeres arrepender, todo o tempo é tempo e o melhor será quando voltares, formado, para o teu engenho. E' sempre no fim que se cantam as glorias. Por ora, o que deves fazer é aproveitar a mocidade e pagar o tributo á natureza. Vamos para casa e prepara-te : temos hoje na *Floresta* uma partida de estrondo.

—Sim ?

—E' verdade. Haverá dança até ao amanhecer. Vens ?

—Vou : isto me distrahirá.

*
* *

A' noite, Felippe estava na *Floresta*.

Em distancia talvez de meio kilometro da entrada do Varadouro, seguindo a estrada que conduz de Olinda a Iguarassú, ao lado direito, existia, ha annos um sobrado isolado e meio occulto pelas grandes arvores que o cercavam.

Edificado no respaldo da alta collina, em cuja esplanada se eleva a capella de N. S. do Monte, cujas festas são tão piit-

torescas e brilhantes, era esse sobrado o lugar a que os estudantes primitivamente e o povo depois deram o nome de Floresta, sem dúvida em allusão á grande quantidade de arvoredos basto que o cercava, vedando-lhe a vista e tornando-o mysterioso e inacessivel aos profanos.

Ahi era o ponto de reunião de toda a rapazeada : ahi se juntavam em uma amalgama inconcebivel as serventias mais heterogeneas e impossiveis.

Assim, ao passo que em qualquer tarde se reunia, na Floresta, uma sociedade qualquer litteraria, cujo fim era a discussão de theses scientificas e moraes, na mesma noite, e após o encerramento da sessão, começava um baile desconchavado das mais libertinas filhas do mundo.

Ao lado da mesa de leitura ostentava-se o bilhar e ao pé delle a banca do jogo e os baralhos de cartas.

Entretanto, não eram sómente os estudantes que frequentavam semelhante espelunca : todas as classes sociaes eram ahi bem recebidas, uma vez que levassem dinheiro para perder, e uma faca de ponta ao códs da calça para se fazerem respeitar.

Não raras vezes a funcção nocturna da Floresta acabou como o festim de Balthazar, exceptuando sempre a mão mysteriosa e o lugubre propheta.

Havia festa, e Felipe não faltára: A musica, as flôres, as mulheres e o vinho embriagavam-n'o.

Da sua meditação solitaria não restava sequer um vislumbre das saudades de Livia ; nem ao menos uma recordação.

No meio das danças, das conversações desenfreiadas, dos prazeres turbulentos, o seu fito unico era o galanteio ; mais ainda—a seducção.

Felippe tornára-se o D. Juan de Olinda.

Moço, bello, intelligente e rico, agradava a todos e o seu maior prazer era desfolhar as flôres mais puras, perverter os corações mais ingenuos.

Uma trahição no amor era o seu idéal ; a zombaria a sua gloria.

Rara era a moça que não succumbia ao seu olhar de basilisco ou ás suas palavras persuasivas e fataes.

O resto fazia-o o tempo.

Por ahi se vê que Felipe era, e cóm razão, o terror dos pais de familia, o duende das moças honestas o mimo das cortezãs impudicas e o idolo da rapazeada que o tomava por norte e por modelo.

A sua má reputação cada vez se consolidava mais, e chegou a tal ponto que, ninguem que tivesse fóros de serio, fallava n'elle sem accrescentar o epitheto de devasso.

E Felipe o era.

*
* *

Entretanto, e enquanto em Olinda adquiria elle esta pessima nomeada, no seu engenho, entre os rumores soturnos das arvores e a monotonia da vida campestre, Livinha se consumia de mágoa e de saudade.

A pobre menina, talvez, advinhando a transformação por que passava seu primo, definhava a olhos vistos.

Durante anno e meio de ausencia, que ha tanto já havia partido Felipe, - tinha o moço estudante escripto algumas cartas a seu pai ; mas, a prima nem uma palavra disséra, além d'aquellas primeiras que tanto prazer lhe causaram.

A sua pallidez tornára-se transparente ; a languidez de seus olhos parecia denunciar a proximidade de um fim desastroso.

O sorriso amargo e tristonho, que as vezes esparecia em seus labios, revelava um soffrimento tão fundo, tão agudo que, longe de provocar a alegria, fazia saltar o pranto dos olhos.

Ha d'esses amores na terra ! ha d'essas paixões fadadas, desde o seu principio, para o martyrio e que passam pelo mundo com um cortejo de dôres estranhas, de tormentos sem fim.

São amores fataes, e ai d'aquelles que os sentem !

Livia sentia-o.

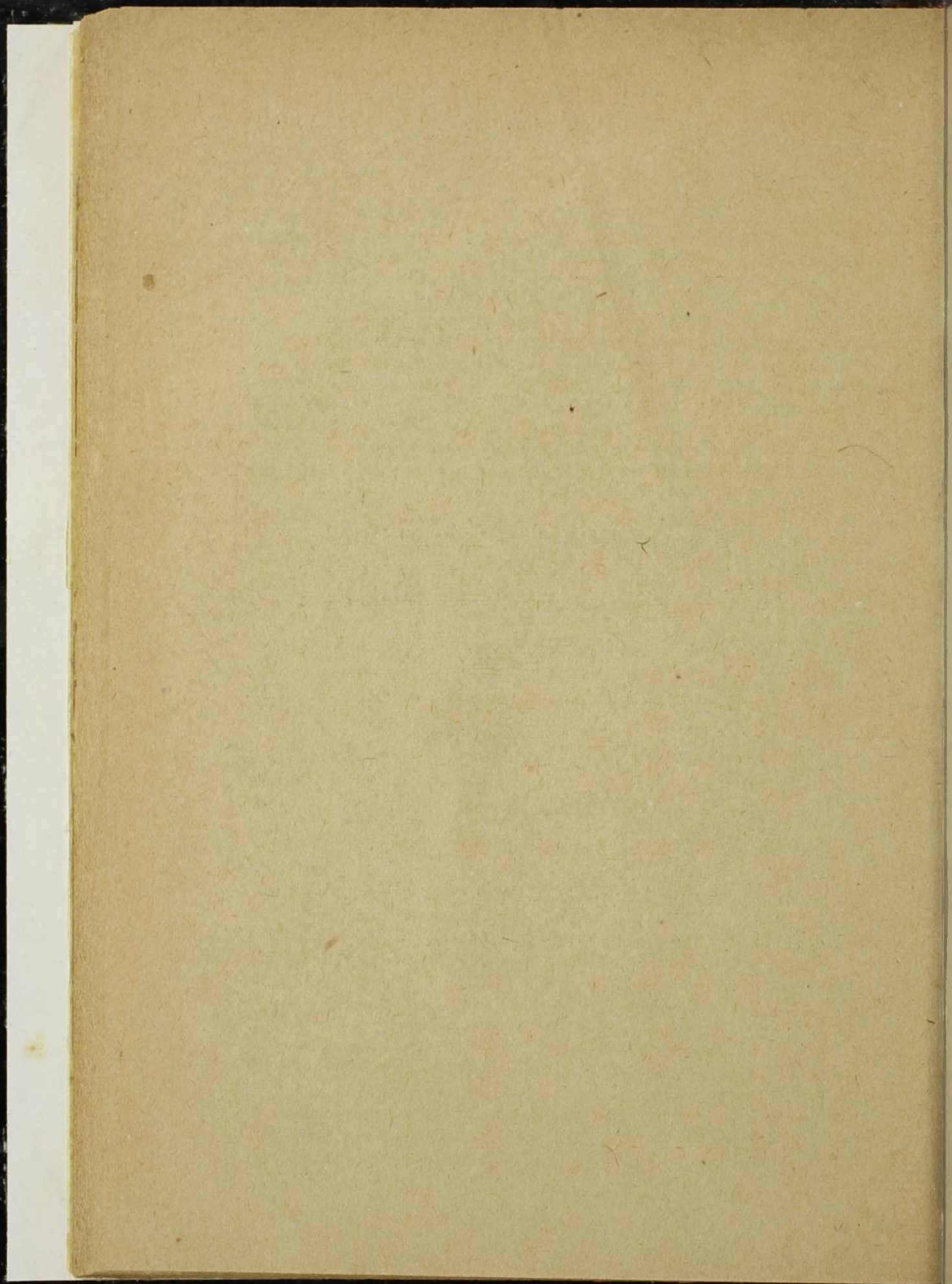
Em casa, rodeiavam-n'a todos dos mais assiduos e previdentes carinhos. Laurinda, sobretudo, parecia identificada com ella e com ella chorava, com ella soffria.

E' que n'ella, além de uma prima, a morena cearense encontrára uma irmã.

Commungando juntas nas alegrias de outr'ora, nas esperanças mais doiradas, commungavam tambem agora na agonia e na dôr.

Confundiam suas lagrimas e isto se não consolava a uma, ao menos concorria para que a cruz, que lhe pesava nos hombros, se tornasse mais leve.

Feliz na terra de quem encontra um Cyrineu !



VI

Chegára o fim do segundo anno de ausencia ; approximavam-se as férias, e Livia, que vivia a contar os dias, as horas, os minutos, emfim, sentio renascer-lhe na alma um tenue raio de esperança.

Seu tio, conhecendo e apreciando o seu estado melindroso, escrevera a Felippe uma extensa carta, cheia de conselhos paternaes, na qual concluia por lhe ordenar terminantemente que viesse passar as férias no engenho.

O rapaz, embora muito lhe custasse deixar o theatro de suas façanhas, respondera a seu pai, e promettera fazer-lhe a vontade ou antes executar as suas ordens.

A pallida e desconsolada moça sentira, com esta noticia, uma especie de allivio, uma doce esperança que segredava illuções !

Ai, pobre ! mal sabia ella que a esperança é a fallaz amiga do infortunio ; é a *virtude-anjo* que nos apparece carregado de sorrisos e de beijos, para depois fugir-nos deixando uma mágoa profunda, um vacuo mais vasto, uma dôr mais pungente e inconsolavel ! a esperança, a trahidora alviçareira !

Mas, Livia cria n'ella como cria em Deus. Si a esperança deixasse por um só momento de alimentar a illusão da su'alma tão ávida e digna de felicidade,—creio que a pobre menina n'esse mesmo instante deixaria de viver.

Livia, portanto, anhelava pelo dia em que seu primo chegasse á casa.

Esperava que vendo-o, fallando-lhe, depositando no coração do seu primo, até então rebelde e fugitivo, todas as doçuras da sua alma, todos os martyrios porque passára durante aquelle longo tempo de ausencia, a indiferença do rapaz desaparecesse e em seu lugar renascesse ou despertasse o antigo amor — aquelle amor que fazia todos os encantos da sua vida.

Com esta esperança a affagar-lhe os sonhos, a pallida menina sentava-se todas as manhãs na varanda da casa e espraivava as vistas ávidas pela extensão do caminho que conduzia ao engenho.

Si por acaso algum cavalheiro levantava a poeira das estradas, o coração da impaciente donzella palpitava com ardor desusado ; o sangue affluia ás faces pallidas e a commoção

intima de sua alma se revelava no tremor convulsivo de todo o corpo.

O cavalleiro se approximava e passava cortejando a moça. Um longo suspiro de allivio, mas tambem demágo a concentra-da, fugia dos labios da infeliz, uma palavra de triste desespero cortava o silencio que a ceercava :

— Ainda não é elle.

E isto repetia-se sempre, até que vinha a noite e envolvia todo o campo, todas as estradas, com o seu manto espesso de trevas.

Então, recolhida em seu quarto, Livinha applicava o ouvido e qualquer tropel vinha abalar-lhe todas as fibras do coração.

— Si fosse elle ! murmurava ella consigo.

E contava então os minutos, contava os passos do cavallo que vinha ao longe e, na sua impaciencia, exclamava dolorida :

— Como tarda, meu Deus ! Si soubesse quanto soffro n'este momento, talvez elle apressasse mais o andar do seu cavallo.

Mas o tropel passava... perdia-se de novo muito ao longe, e a pobre moça cahia nas suas scismas habituaes e dolorosas.

*
* *

Uma noite, — onze horas acabavam de soar no relógio da casa de vivenda — Livinha, que havia adormecido fatigada já pelas vigílias antecedentes, acordou de sobresalto.

Perturbara-lhe o somno o tropel de uma cavalgada.

Ao erguer-se do leito, rapida e assustada, veio-lhe ao pensamento a pergunta usual do seu coração :

— Será elle ?

A cavalgada parou á porta do engenho e uma voz conhecida, uma voz que veio ferir os ouvidos da moça como uma lamina de aço, acordou os echos adormecidos do terreiro.

— O' José ?

Ao mesmo tempo tres pancadas soaram na porta principal da casa.

A moça no seu quarto sentio como que um deslumbramento.

Os olhos encheram-se repentinamente de tantas lagrimas que a luz fugiu-lhes como por encanto.

Um tremor immenso e irresistivel sacudiu todo o seu corpo, já tão debil e abalado pelas frequentes commoções.

E a pobre moça, exhalando um suspiro, um suspiro de dôr e de alegria—...quem pôde definir?... estendeu os braços emmagrecidos como para abraçar a imagem querida d'aquelle a quem esperava, e cahio, sem sentidos, no soalho.

VII

Quando Livia tornou a si, era alta madrugada.

O socego se tinha de novo estendido pelos campos e o silencio da noite era sómente interrompido pelo mugido lugubre do gado somnolento, ou pela quêda constante do regato mais proximo.

Livia ergueu-se, ao principio sem consciencia do que lhe acontecera; mas, logo depois, reunindo as idéas, poude encarar a sua situação a sangue frio.

Lembrou-se então de tudo: das suas esperanças, dos seus sonhos, do somno interrompido pelo tropel da cavalgada, da voz conhecida de seu primo, que viêra abalar toda a sua organização e finalmente o desmaio repentino.

Pensou então ainda commovida:

—O que fará Felipe neste momento? pensará em mim?... pensará em alguma outra moça!

Livia teve um impeto de ciumes.

—Em outra?!... Amaria elle outra mulher? sim... talvez fosse isso... talvez fosse essa a causa por que não e crevia sempre. Ingrato!

As lagrimas consolam, alliviam o coração, quando são provocadas pelo odio, e Livinha sentiu aquelle effeito.

Lembrou-se depois do tempo em que o primo ainda não se tinha ausentado de casa e de quando ia fallar com ella á varanda do seu quarto.

Abrio, pois, a vidraça e recostou-se á janella.

O ar frio e penetrante da madrugada refrescou a febre que devorava o seu coração; e, palpitante de anciedade, estremeendo ao menor rumor, á mais tenue miragem de sua imaginação exaltada, esperou muito tempo.

E Felipe não appareceu.

—Talvez espere que todos estejam dormindo.

E recostando a face á palma da mão, a pallida moça apoiou-se ao parapeito da janella, soffrendo a humidade doentia da madrugada; mas sempre esperando.

E Felipe não veio.

Passaram-se horas e horas. Livia começou a sentir que o frio a incommodava, que enregelava-lhe todo o corpo delicado; mas, que lhe importava o soffrimento, si á custa delle, ella podia alcançar a suprema felicidade de fallar com seu amante?

Continuou a esperar.

E Felipe não veio.

A moça embrulhou-se em uma capa de cachemira, de que costumava usar nos seus passeios matutinos, e na hobreira da janella encostou-se na posição desesperada de uma estatua de dôr.

Pelas faces pallidas e cavadas pelo desgosto prematuro, começaram a deslizar umas lagrimas tão subtis, tão tristes, tão silenciosas que, por onde passavam, iam deixando dois sulcos.

Era immensa a angustia da pobre menina.

Afinal, raiou o dia, e o sol, surgindo no meio das galas da manhã, veio ainda enconral-a na mesma posição.

Só Felipe não apparecia.

*
* *

A' hora do almoço, e só então, os dois primos se encontraram. Foi singular este encontro.

Ambos estavam acanhados. Livia tremia sem ousar erguer os olhos.

Felippe sentia como que o remorso remorder-lhe a consciencia.

Olhou para a prima, admirou-se da sua pallidez transparente e, depois de breve hesitação, dirigio-se para ella :

—Livia ?

A moça sentiu como que um choque electrico : segurou-se ao braço de uma cadeira para suster-se de pé e murmurou balbuciante :

—Meu primo !

A voz sahiu-lhe dos labios tremulos como o ultimo suspiro de uma nota final de orchestra.

—Está tão pallida, minha prima ! disse o moço: si soubesse como lhe assenta bem esta pallidez romantica...

Laurinda, achegando-se, pé ante pé, perguntou-lhe ao ouvido :

—Achas tambem que lhe assentam bem as lagrimas ?

Com effeito, Livinha chorava.

Felippe foi até ao seu lado e, pegando-lhe na mão fria como o gelo, levou-a para o vão de uma janella :

—O que tem você, Livinha ? creio que chora.

—Crê sómente ?

—Vejo-o tambem.

—Antigamente...

Os soluços embargaram-lhe a voz.

Essas commoções não eram para aquella natureza franzina e delicada.

Livia succumbiu á dôr que a lacerava e, sem forças para lutar contra a torrente de lagrimas e de soluços que irrompia-lhe do seio, deixou-a precipitar-se á sua vontade.

E demais ; que maior testemunho poderia dar ella das angustias por que tinha passado ? quem, como as suas lagrimas, fallaria com mais eloquencia ?

Deixou, pois, que as lagrimas corressem e que o peito se desafogasse em soluços.

Ha dois annos, Felipe teria cahido a seus pés, e, abafando aquelles soluços nos beijos e nos protestos mais ardentes de amor, beberia uma a uma aquellas lagrimas amargas.

Agora, porém, era outro homem : o sol febreexcitante dos amores facis crestára a pureza do seu coração... embotara-lhe essa sensibilidade, que faz com que se sinta as mágoas alheias.

Na athmosphera devassa da Olinda academica, Felipe adquirira a rigidez d'alma, que produz o cynismo.

Aborreceu-se, portanto, com aquella fraqueza de mulher, com aquella *ternura* de amante e, murmurando um—*ora!*—de enfado, deu as costas á moça e dirigiu-se á outra sala.

Se lhe cravassem um punhal no coração, Livinha não o sentira tanto, como sentiu aquelle desprezo do unico homem a quem déra as premissas de sua alma.

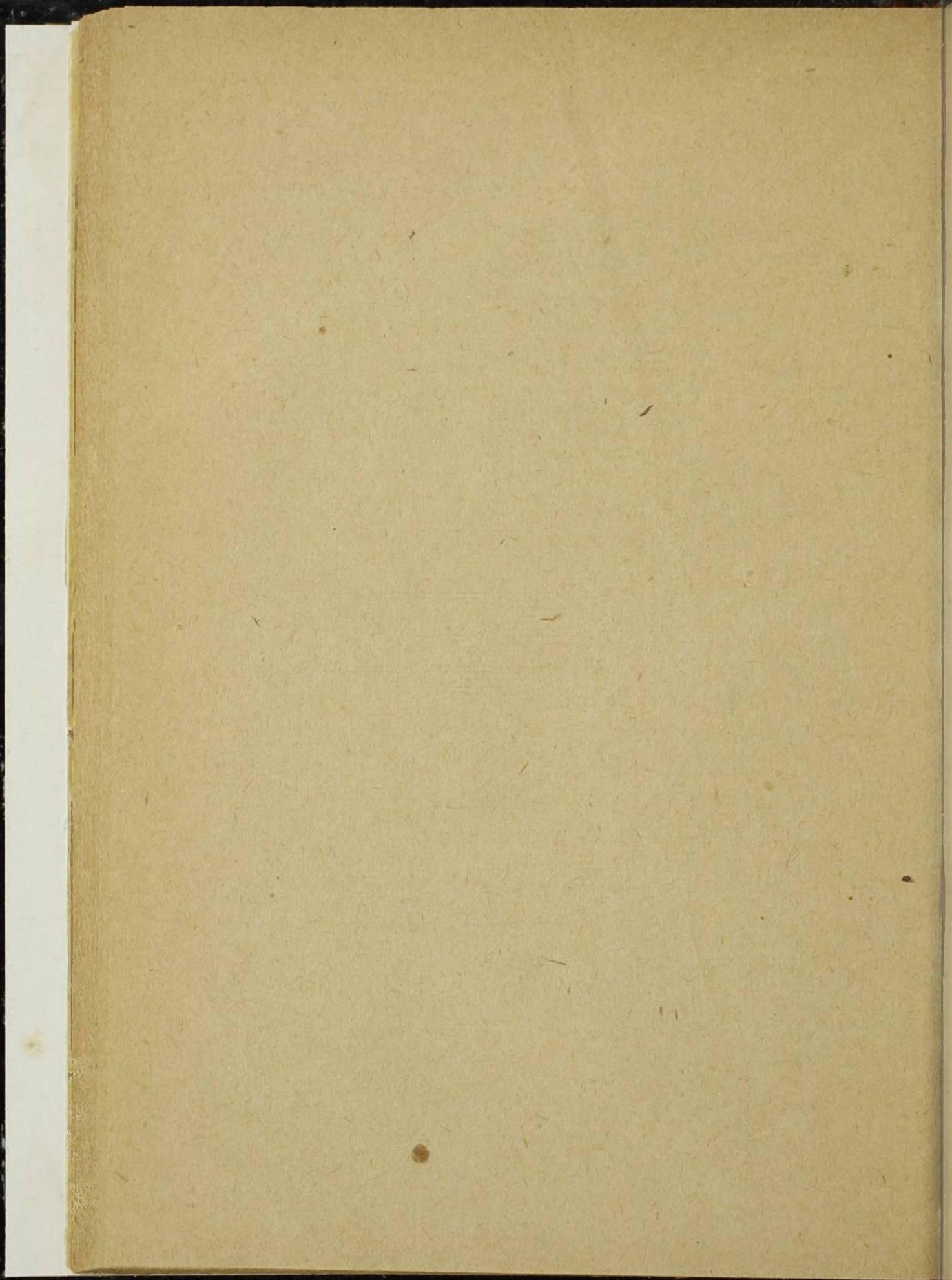
Tremeu como o caniço batido pelo vento... mas, como elle, não cahiu : erigiu o corpo esbelto, em toda a sua altura senhoril e, enquanto lhe passava pelos olhos um relampago de indignação, murmurou com voz cheia de ironia esmagadora :
—Infame !

E serena, calma, imperiosa, dirigiu-se á sala onde estava o seu primo.

Por mais fraca que seja uma creatura, por mais impressionavel que seja a sua natureza, ha momentos em que o espirito reage com força contra a debilidade do physico, contra a sua propria fraqueza e triumphá.

Livia tinha chegado a uma d'essas occasiões.

O golpe rudissimo que recebera, por imprevisto, soerguera-lhe o animo e lhe déra a coragem, de que seria incapaz em outra qualquer occasião.



VIII

Durante todo o tempo das férias, modificação alguma houve entre os dois primos.

O pai de Felipe, em signal de alegria pelo adiantamento do filho, não se poupou, um só momento, em reunir e realizar todos os divertimentos em sua casa.

Não havia um só dia em que o engenho não regorgitasse de convidadas. Ora era um jantar sob o primeiro pretexto que apparecia, ora era um sarão variado, ora uma cavalhada; umas vezes uma caçada e outras um samba rasgado.

O povo cearense é por natureza muito divertido.

A alegria, portanto, reinava no engenho do tenente-coronel Ludovico.

No meio d'ella, porém, havia alguém que quebrava aquella harmonia. Era Livia.

Triste, pallida, mas sempre serena e calma, a pobre moça deixava errar pelos labios um sorriso de amargura tão pronunciada, que, muitas vezes, as pessoas que a cercavam, sentiam encherem-lhes os olhos de lagrimas.

Felippe, entretanto, passava por ella como por uma pessoa indifferente. Nem a tristeza da prima, nem as recriminações da irmã faziam-o mudar de maneiras.

Os primos já não se encontravam, não conversavam: olhavam-se apenas, mas n'esse olhar havia o quer que era de aggressivo, de ironico.

Advinhava-se entre ambos um abysmo.

Por mais esforços que fizesse Laurinda para approximal-os de novo, para *fazer as pazes*, na sua phrase interessante e pitoresca, nem Felipe procurava a companhia de Livia, nem esta dava um só passo para quebrar aquelle acanhamento que os separava.

Não se pôde dizer que a pobre moça estivesse indifferente, não... Conhecia-se que aquella calma e aquella serenidade, que a revestiam e pautavam seus actos, eram apenas apparentes... talvez mesmo affectadas; e que, por debaixo daquella mascara de fria reserva, o seu coração sangrava e a dôr minava-lhe a existencia lentamente.

Nem poderia deixar de ser assim.

A alma de Livia era muito delicada para passar tão repentinamente do amor á indifferença.

Sob as cinzas geladas de um volcão que ella fingia ter extinto, laboravam as chammãs incandescentes do amor sempre grande e sempre heroico.

Amar em certos casos é o maior dos heroismos... é o heroismo do martyr que sóbe á fogueira, ou se entrega ás garras afiadas das fêras romanas para melhor confessar a sua fé.

Livia era uma heroína.

IX

O tempo de férias findou, e Felipe teve necessidade de despedir-se de todos e partir.

Foi um acto tocante para toda a sua familia, mas revoltante para elle.

A' proporção que se approximava a hora da despedida, Livia sentia enfraquecer a sua coragem ficticia ; sentia derreter-se aquella couraça de gelo e de frieza, que até então a tinha escudado.

O seu amor tão verdadeiro e tão grande—retomava o imperio que sempre tivéra sobre ella. A formosa menina queria fugir á nova tyrannia d'esse sentimento, procurava recalcal-o no fundo do coração, asphixial-o, por assim dizer ; mas, debalde o tentava, embalde procurava illudir-se.

Livia foi quem pôde romper o eloquente silencio que entre ambos reinava.

O seu amor era mais forte do que a sua vontade ; dominava-lhe os sentimentos e a razão.

Encostada ao hombro de Laurinda, com o olhar embebido nos castellos cinzentos das nuvens do levante, a pallida virgem esperava, com certa anciedade dolorosa, que seu primo viesse dizer-lhe o adeus.

Algumas lagrimas silenciosas corriam-lhe pelas faces ; a moça pensava :

—Talvez que vendo as minhas lagrimas e lembrando-se da ausencia em que vai deixar-me, tenha cõmpaixão de mim e me restitua a sua ternura.

E esperava.

Oh ! porque ha de a esperança acompanhar sempre o desgraçado !

Felippe approximou-se d'ella, afinal. A commoção que a moça sentiu foi inexplicavel. Um tremor convulsivo abafava-lhe toda a organisação e ella tremia com as mãos enregeladas e pallidas

Laurinda estava junto d'ella.

—Minha irmã disse Felipe sem olhar para a sua prima—venho receber as suas ordens e as suas despedidas. Esta madrugada parto para a cidade, afim de tomar ahi o vapor que tem de levar-me para o Recife. Adeus.

—Felippe... - balbuciou Laurinda, meio reprehensiva - estou admirada dessa despedida fria que me fazes.

—Então, que mais querias? esperavas ver-me a chorar como uma criança?

—Não... mas...

—Eu não vou morrer; vou antes aspirar nova vida... haurir novas forças... bem vês...

—Sim: bem vejo... atalhou a irmã—bem vejo que estás inteiramente mudado do que eras. Quando te ausentaste de nós pela primeira vez...

—Ora! foi pela primeira vez; eu não sabia o que isto era; mas hoje...

—Hoje te é indiferente estar aqui ou alli, ter ao teu lado pessoas que te estimem e te amem ou indiferentes; não é?

—A fallar verdade...

—Oh! cala-te! não vês que assim matas a esta pobre criança?

Com effeito, Livia vacillava e, levando ambas as mãos ao seio, estava prestes a desmaiar.

—Ah! é verdade... Desculpe, Livinha: não a tinha visto.

—Como!... —suspirou a pallida moça — não me tinha visto?

—Não tinha reparado; desculpe-me.

—Eu o desculpo sempre... bem sabe.

Respondeu a prima com a doçura ineffavel das victimas que morrem por seu gosto.

Felippe inclinou-se como que agradecendo.

*
* *

A noite era fechada. Felippe devia viajar pela madrugada, afim de ir á capital para embarcar, e por isso retirou-se ao seu quarto muito cedo.

A scena que se tinha passado entre elle e sua prima não lhe fizera a menor impressão; nem mais se recordava della. Outros eram os pensamentos que agitavam o seu cerebro, meio exaltado com a proxima viagem.

Via dansarem-lhe diante dos olhos todos aquelles prazeres phreneticos de Olinda; aquellas noites na *Floresta*; aquellas dansas desenfreadas; aquellas mulheres sem pejo; aquelles jogos e amores... tudo, emfim, quanto o vicio conseguira reunir naquelle alcouce elegante.

Felippe pensava nisto tudo e sorria, tirando longas fumaças do seu aromatico charuto.

A poucos passos dalli, porém, era outra a scena que se passava.

Sentada á borda de seu leito de virgem, Livinha estava encostada a uma das cabeceiras, com os olhos fitos no espaço, como entregue a um extasis doloroso e sombrio.

Com os labios meio abertos, parecia aspirar uns effluvios que passavam imperceptiveis pelo ar e, de vez em quando, deixava fugir uns suspiros tão tristes, tão magoados, que causavam dó.

Com os cabellos soltos e a fronte empallidecida, parecia a menina a livida estatua do soffrimento.

Livia chorava : pelas faces corriam lagrimas silenciosas, porém, eloquentes ; amargas, porém, puras.

Quanta ! quanta dôr não ralava aquelle coração tão cheio de tão affectos ardentes !

A pallida cearense lembrava-se do modo indifferente e grosseiro com que lhe tratára seu primo... pensava na longa ausencia, em que de novo ia sepultar a a sua partida... na dôr da saudade que havia de minar-lhe a existencia sem piedade e sem treguas, e sentia o desespero aferrar no seu coração a garra adunca e fatal.

O seu cerebro foi-se exaltando... a sensibilidade irritada foi tomando taes proporções, que em seus elos desordenados chegou a suffocar a razão da pobre moça, já enfraquecida pelos seus longos soffrimentos

Ella ergueu-se do leito, sahio do seu quarto e encaminhou-se pelo corredor.

O seu olhar tinha desses lampejos fataes que denotam uma resolução energica.

Os seus labios, cerrados agora, pareciam annunciar a firmeza ; o seu andar era seguro e ao mesmo tempo vagaroso.

A moça atravessou o corredor... toda a casa, subtil como um espectro, e quando parou á porta do quarto de Felippe, bateu.

— Quem é ?—perguntou o rapaz, voltando-se um pouco desarranjado no meio dos seus pensamentos esperançosos.

—Sou eu :—respondeu a moça com voz firme e harmoniosa.

—Livia !

Felippe ergueu-se assombrado. Em um segundo, mil pensamentos atravessaram-lhe o espirito... e sentiu abalar-lhe tão forte commoção, que não deu um só passo para a porta.

—Abre ! repetio a voz imperiosa da moça.

Felippe obedeceu-lhe promptamente : a mão lhe tremia, tremia-lhe todo o corpo.

Livia entrou, como uma somnambula, cerrou a porta sobre

si e erigindo o corpo elegante em frente de seu primo, lhe atirou duas palavras apenas, mas de um modo tão triste, tão resignado, tão submisso, que o rapaz sentio por um momento apparecer-lhe no coração a piedade.

Livia disséra :

—Aqui estou, Felippe.

O rapaz balbuciou :

—Mas eu não te mandei chamar.

—Bem sei ; porém, vim.

—Porque ?

—Porque te amo.

—Não te comprehendo.

—Talvez duvidasse da extensão do meu amor... e eu... eu... eu venho dizer que te amo !

E Livia, enlaçando em seus braços o corpo do mancebo, murmurou-lhe entre beijos e lagrimas palavras ardentes de loucura :

—Amo-te !... muito ! muito !... se duvidas... aqui estou... mata-me até, si quizeres !

Ha momentos em que o homem não se pôde dominar ; a pedra friccionada, por mais fria que seja, deita chispas.

Aquelles abraços apertados e phreneticos ; aquelles beijos ardentes ; o calor d'aquelle halito perfumoso de virgem ; o silencio do quarto, onde estavam ; o crepitar da luz vacilante... tudo... o palpar ancioso e descompassado do seio quasi nú d'aquella moça, que assim, á noite, cega e doudamente viéra atirar-se nos braços do homem, a quem amava com excesso ; a luz d'aquelles olhos negros que o devoravam, que o abraçavam como fogo ; a maciez d'aquelles cabellos soltos, que lhe brincavam nas faces... oh ! tudo impressionou o coração do libertino mancebo e despertou volcanica a sua natureza já gasta pelo vicio e pelo deboche.

Felippe apertou no seio a desvairada moça e n'um d'esses beijos que queimam, exclamou :

— Eu te amo tambem !

— Ah !

Um grito da alma escapou se dos labios da desgraçada menina... e trémula, palpitante, ebria, louca, feliz, ella cahiu a seus pés e rompeu em soluços.

Ai ! a felicidade tambem possui lagrimas !

.....



Correra a noite e chegára a madrugada. Felipe devia partir.

Os dois primos com as mãos entrelaçadas, o olhar febricitante mutuamente fixo, e com o sorriso a entreabrir-lhes os lábios, pareciam se ter esquecido do mundo.

Livia foi quem pôde romper o eloquente silencio, que entre ambos reinava.

— Não são horas de partir ?

— São.

— Porque não ficas ?

— E o meu futuro ?

— E' verdade... tambem é o meu.

— Nosso.

— E amas-me... agora?... amar-me has sempre ?

— Sempre... eternamente.

— Quando partiste pela primeira vez, tambem me fallavas assim.

— Mas então ignorava os thesouros de amor e de ternura, que possues... mas então... tu não te havias immolado ao meu amor, nem eu adquirido o dever de te amar e amar-te sempre !

— Ah !

— Não suspires : amo-te e nunca mais dar-te hei motivos de lagrimas, nem de desgostos.

— Juras ?

— Lembras-te dos nossos juramentos, quando eu fui pela primeira vez para o Recife ?

— Oh ! se me lembro !

— Pois bem ; eu os renovo agora.

— Tu ?

— Sim : por Deus, eu os renovo : ou teu ou da morte.

— E eu tambem : ou tua ou do tumulo.

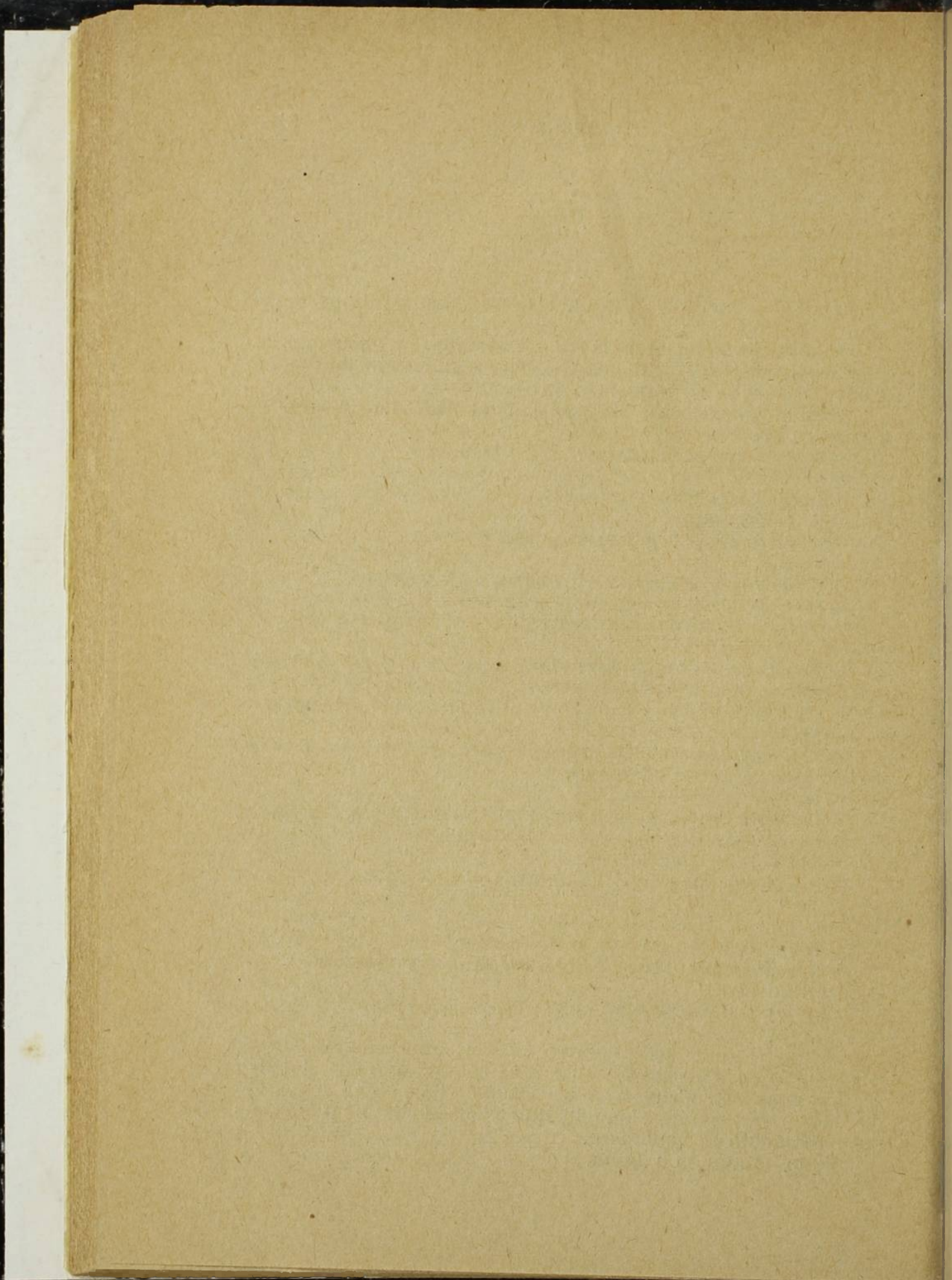
Um beijo e um abraço sellaram este novo juramento.

Imprudentes !

Os dous primos separaram-se : longa foi a separação, porém, forçosa.

Felippe seguia para a capital, e Livia, no engenho, ficava entregue ás suas esperanças, á sua felicidade que ella julgava segura, pensando n'aquelle a quem tudo déra n'um momento de amor e de loucura, n'aquelle que talvez d'ella nem mesmo neste momento se lembrasse.

Tudo no mundo é assim.



X

Descortina-se de novo o scenario esplendido de Olinda.

Felippe bebe ainda uma vez e a largos sorvos a embriaguez lasciva daquellas brisas perfumosas.

A vida que o moço cearense levava, antes de partir para o seu engenho, é a mesma que elle segue agora.

Si alguma differença ha, deve ser para peor.

Ao contemplal-o agora phreneticamente em busca dos prazeres, constantemente em heroicas orgias, dir-se-hia que elle voltára do Ceará mais doudo, mais peralta, mais *estrompa*, segundo a expressão piccaresca dos proprios collegas.

O mancebo atirára-se de novo, e com mais furor, ao seu viver tresloucado de galanteio e namoro.

Tornára-se até inconveniente, escandaloso.

Havia nisto como que uma fatalidade que o impellia cegamente.

No plano inclinado da devassidão, o libertino escorregava rapidamente, e não longe estava a hora em que tocaria no fundo do abysmo.

Quando Felippe sahia pelas ruas, ou só ou acompanhado, era rara a moça que deixasse de ouvir uma pilheria, umas vezes espirituosa, outras porém—e era a maior parte dellas—grosseiras e de máo gosto.

O rapaz tornára-se, pois, o espantelho das familias, o terror das moças honestas e o heróe estimado das dissolutas e corrompidas.

Era um heróe de taberna : Jacques Rolla dos bordeis, chafurdava-setanto no lodo das orgias e dos prostibulos que, afinal, estava um homem inteiramente perdido.

Já nada respeitava, nem mesmo por conveniencia social : nada mais havia para elle que fosse puro e digno de consideração.

D. Juan de baixa esphera, a tudo ridicularisava.

* *
*

Havia na rua de *Mathias Ferreira* uma familia pobre ; mas laboriosa e honesta. Compunha-se ella de dois velhos pai e mãe — de um rapaz de vinte e cinco a trinta annos e de uma linda moreninha, em cuja frente pura se enramavam as flores desabrochadas em quinze primaveras.

Maria era o encanto e a felicidade d'aquella familia que Deus parecia ter abençoado ; pois que, si era sua partilha a pobreza, era tambem o seu apanagio a ordem—o aceio—a modestia.

Possuia ella essa resignação evangelica que faz com que, no meio do trabalho, a vida nos pareça um oasis e a pobreza uma felicidade.

A inveja nunca provocára n'aquella familia a menor palpitação. Todos alli estavam contentes com a sua sorte.

Quando, aos domingos, Maria, modestamente vestida, sahia pelo braço do irmão para a missa na igreja mais proxima, era rara a pessoa que, comprimentando-a, não parasse para vel-a seguir com o seu ar encantador e cheio de doce simplicidade.

E' que, com effeito, Maria era um mimo da natureza, uma d'essas creações em que parecia que Deus se esmerára.

De estatura regular, possuidora de uns olhos pretos que fascinavam pelo brilho incandescente, revelava ella no semblante tanta graça, tanta candura, tanta innocencia, que todos que a viam, ficavam commovidos e cheio desta timidez e respeito que produz sempre a presença da mulher forte e honesta.

Felippe vio essa moça e não pôde furtar-se á sua influencia magnetica.

Gostou d'ella, achou-a digna de seu paladar... e jurou aos seus deuses, que não eram dos melhores, conquistar o seu coração.

Para levar a effeito semelhante proposito, era o cearense o homem de pericia consumada.

Ninguem, como elle, sabia melhor escolher este ou aquelle meio para chegar aos seus fins e, segundo a natureza, indole e os principios moraes da pessoa a quem quizesse dominar.

Começou, portanto, a frequentar a rua onde a moça morava.

Os primeiros encontros foram infructiferos ; mas Felipe não era homem que desanimasse facilmente. No vicio a persistencia era a primeira qualidade de seu character.

Felippe continuou a passeiar pela porta da menina e a sedu-

zil-a, a fascinal-a com os seus olhares ardentes, com os suspiros, com os ademanos de consumado namorado.

A pobre menina—pobre coração crente e inexperiente, aberto a todos os sentimentos ternos—acreditou, por fim, na sinceridade daquelles modos, no amor daquelle mancebo que por ella parecia morrer.

Correspondedeu aos sorrisos e aos olhares do moço e, afinal, acabou por amal-o.

Em breve o namoro estava completamente estabelecido ; e, para Maria deixar de ver Felipe, um só dia que fosse, era já um martyrio sem nome.

Felipe, entretanto, não sentia por ella senão um capricho, um desses caprichos que nascem em uma hora para em outra morrerem ; um desses caprichos que têm a sua origem no desejo desenfreiado de um momento de volupia e terminam quasi sempre no minuto immediato ao goso.

Felipe jurára a perda da innocente menina e estava no caminho do seu triumpho.

Já toda as noites, depois que os velhos se recolhiam, ia elle até a porta da casa e na janella conversava longamente com Maria.

Nessas conversações nocturnas, eram grandes os protestos de amor eterno, immensas as promessas de eterna constancia.

Nesses colloquios, nem uma só vez ainda, arriscára Felipe uma palavra que trahisse o fim occulto do seu namoro e escandalisasse o coração ingenuo da menina.

Felipe comprehendera a delicadeza da alma da pobre Maria e de harmonia com a sua innocencia e virtude pautava as suas palavras e os seus actos.

Lentamente, pois, ia elle preparando o terreno para a immo-loção d'aquella victima. Com diabolica hypocrisia procedia elle para com a menina a quem prohibira com todas as forças a vulgarisação de suas entrevistas e até mesmo do seu sentimento.

A vizinhança, porém, a que na la escapa, desconfiára da assiduidade do moço e, de indagação em indagação, de espreita em espreita, chegára ao pleno conhecimento do namoro.

Em pouco tempo, toda a familia da innocente menina estava ao facto do que se passava.

Então o velho Theodoro, sensato como era, chamou sua filha e interrogou-a brandamente.

Maria tudo confiou ao seu pai.

Abundaram então os conselhos filhos da experiencia e do bom senso. Theodoro mostrou e demonstrou a sua filha a inconveniencia e impossibilidade d'aquelle amor, a inutilidade e até o perigo daquellas entrevistas e fazendo, por fim, a comparação da sua posição com a do rapaz, da sua pobreza com a riqueza

d'elle, concluiu por declarar impossivel entre os dois um casamento, caso unico em que poderia ter razão de ser aquelle derricho.

A pobre menina chorou, lastimou-se, mas como toda moça cuja inclinação encontra resistencia e opposição, redobrou de ternura e de amor para com o moço cearense.

Felippe ficou contentissimo quando soube de tudo que se havia passado.

— Muito bem ! - murmurou elle com os seus botões — o velho foi quem se encarregou de deitar fogo na mina. Agora é esperar pela explosão.

Depois sorriu cheio de ironia :

— Esses pais ! esses pais ! não conheço gente que, com mais direito, mereça o reino do céu !

*
* *

As entrevistas continuaram, porém, com mais cautella.

Uma noite em que os dois namorados conversavam á janel-la, o céu toldou-se repentinamente e uma chuva grossa começou a cahir.

Felippe passou a mão pela frente e sorriu affagando uma idéa.

— Deus ou o Diabo vem em meu auxilio pensou elle.

E levantando a voz, exclamou com máo humor :

— Maldita chuva.

— E' verdade.

— Vou ficar encharcado...

— Tambem já é tão tarde !

— Olha : deixa-me recolher um pouco.

— Não... Deus me livre.

— Porque ?

— Alguem podia ver você entrar.

— Alguem ?... mas quem ? está tão escuro... e depois com esta chuva quem se atreve lá a sair á rua ?

— Mas podem estar por detraz das rótulas.

— Qual !

— Essa visinhança é terrivel !

— O peor é que estou me molhando e com isso posso ap-nhar alguma constipação... e ficar doente seriamente.

— Oh ! não !...

— E' quasi infallivel.

— Então vá-se embora.

—Como !... mandas-me embora !

—Amanhã você torna a voltar...

E Maria, sorrindo meigamente, recuou um pouco como para fechar a rótula.

Felippe impedio-lh'o.

—Ah !—suspirou elle — queres que eu me ausente, Maria ?... já te aborrece a minha presença ?

—Não diga isto.

—Então deixa-me entrar.

—Não.

—Porque, meu anjo ?

—Meu pai poderia encontrar-te.

—Teu pai já dorme e nada suspeita do nosso amor.

—Hein !... si elle já sabe tudo... eu já não lhe disse ?

—Pois bem ; nesse caso deve saber que o meu proposito é casar contigo...

—Você ?

—Então ? si não fosse isto... si eu não tivesse esta intenção, porque e para que viria cá ?

—Eu sei !...

—Si eu não quizesse casar contigo, estaria aqui perdendo o meu tempo e de mais a mais levando chuva ?

—Lá isso é verdade ; mas, papae me disse que você é muito rico...

—E o que tem isso ?

—E nós somos muito pobres...

—Que importa ? assim é que devem ser todos os casamentos : a riqueza foi feita para soccorrer a pobreza... quem tem muito reparte com quem tem pouco... o rico casa com a pobre ; isto faz até o verdadeiro equilibrio social...

Maria suspirou do intimo do coração : era assim que ella pensava, mas não era assim que dizia seu pae.

—Não é isto só — disse ella—para se oppôr ao nosso... ao nosso... casamento ha ainda uma objecção.

—Qual ?

—A sua posição...

—Ora ! .. a que vem aqui a posição ?... Não somos todos nós filhos de Adão e Eva ? onde, pois, ha differença de raça ?.. onde a desigualdade de familia ?... Deixa-te d'isso... e deixa-me entrar...

—Mas...

—Oh ! meu anjo ! .. não vês a chuva como redobra... estou quasi a pingar.

Maria estava absorta.

—E a tua familia ?—murmurou ella.

—O que tem ?

—Consentirá no... no nosso casamento ?

— Porque não?... até já consentiu : minha mãe me escreveu, dizendo que de todo o coração abençoava aquella que eu tinha escolhido para companheira de minha vida, pois que estava convencida de que a minha escolha seria digna de mim e d'ella. Bem vêes... olha .. tenho a carta aqui...

Felippe levou a mão ao bolso do paletot : remexeu-o por algum tempo.

Maria esperava com a alma a nadar n'um mar de jubilo.

De repente o rapaz exclamou :

— Ora, diabo ! tinha-me esquecido !... deixei a carta no bolso do outro paletot ; mas, amanhã trago-t'a.

Maria suspirou.

— Agora, deixa-me entrar... — insistio o mancebo.

— Não, Felippe... poderiam ver-te...

— Ora !... e que vissem...

— Eu ficaria perdida...

— E que te importa isso ? não tens de ser minha mulher ?...

— Mas... não !... não devo consentir..

Maria resistia... mas resistia já sem forças. Felippe aproveitou a fraqueza da menina... firmou as mãos no parapeito da janella e, saltando por ella, entrou em casa.

Maria recuou assustada e abafando um grito.

O libertino enlaçou rapidamente a sua cintura e depositou em seus labios um beijo de fogo :

— Meu anjo !

— Oh ! — murmurou a moça, recuando a face, incendiada de pejo — deixa-me !

Felippe quiz repetir o ósculo devasso. Maria collocou rapidamente a mão ante os seus labios :

— Socega ! — suspirou ella.

— Si eu te amo tanto...

— Cala-te... alguém nos poderá ouvir...

— Não : ninguém nos ouve...

O rapaz, violentando docemente a moça, foi arrastando-a para o sophá.

— Felippe ! — murmurou Maria supplicante...

— Não tenhas receio ! todos dormem.

— Excepto eu ! — disse uma voz á porta da sala.

— Ah ! — exclamaram os dois amantes, recuando assustados.

No mesmo momento uns dedos de ferro apertavam o pulso de Felippe e o affastavam de Maria.

XI

A sala estava completamente ás escuras : de vez em quando um relampago, subito, passageiro, illuminava o semblante das tres pessóas que se achavam alli por um modo insolito.

Ainda assim, a luz azulada e rapida da scintella electrica era muito fraca para tornar conhecidos os traços physionomicos do personagem que tão brusca, mas tambem, tão felizmente, viéra interromper a execução de uma infamia.

Passado o primeiro espanto, Felipe, por um esforço supremo, conseguiu desenhencillar-se da mão de ferro que o prendia e, recuando dous passos para a janella, perguntou :

—E quem é o senhor ?

—E' boa...—respondeu a mesma voz que soára, ha pouco, produzindo o effeito instantaneo do raio—é boa essa ! o senhor entra em uma casa estranha, prepara-se para consummar um acto vil de cobardia... felizmente, apparece uma pessoa que, interrompendo-o no seu proposito infame, salva uma innocente rapariga da maior das desgraças... e em lugar de ser essa pessoa quem pergunte o nome ao seductor, é este quem interroga !... isto, a fallar a verdade, é o carro adiante dos bois.

É a voz, dizendo isto, tinha todos os tons da mais escarnekedora ironia.

O moço cearense, pouco affeito a encontrar resistencias, exasperou-se com aquillo e de novo bradou :

—Pouco me importam as suas observações e motejos ..

—Deveras ?

—Quem é o senhor ?

—Quem sou eu?—replicou a mesma voz :. .—vai saber.

O vulto dirigio-se a um lado da sala, riscou um phosphoro e acendeu uma vela.

Apenas a luz illuminou a sala, o vulto, até então negro e desconhecido, tomou as fórmãs de um homem perfeitamente bem proporcionado, e Felipe reconheceu-o logo.

—Meu irmão !— gemeu Maria tranzida de terror.

—Sim ; teu irmão, que felizmente velava e que chegou a tempo de impedir que se consummasse a tua perda e deshonra de toda a nossa familia.

—O Senhor engana-se sem duvida—observou Felipe um

pouco animado pela maneira quasi branda, com que a Maria tratára seu irmão.

Mas elle ignorava que as grandes tempestades começam por calmaria.

O rapaz respondeu :

—Engano-me, Sr. Dr. ?

—Sem dúvida.

—Eu conheço bastante : sei perfeitamente a posição que o Senhor occupa na sociedade e a vida que tem levado nesta cidade.

—O que quer dizer com isto ?

O irmão da moça concluiu com toda fleugma :

—O Senhor é um libertino, um devasso.

—O Senhor !

—Oh ! não se offenda ! o que o Senhor acaba de praticar prova-o de sobejo.

—Sr. . . .

—Miguel, criado de V. S.

O irmão de Maria zombava.

Felippe irritou-se com aquelle escarneo, que parecia-lhe o requinte do despreso, e deu dois passos para o moço.

—Insulta-me ?—perguntou elle.

—Não : —respondeu o rapaz com toda calma — eu não posso nem devo insultar o homem que vai ser marido de minha irmã.

—Marido de sua irmã ?

—Sem dúvida.

—Como !

—Sim : porque o Sr. vai casar-se.

—Eu ?

—Sim, o Senhor ! Namorava minha irmã, que acreditou em suas palavras e que amou-o loucamente, tão loucamente, que despresou os conselhos de meu pai, e não pode resistir aos seus pedidos por mais perigosos que fossem. O Sr. entrou de noite em nossa casa .. eu o surprehendo... portanto, dou-lhe a escolher : ou reparar o erro...

—Eu não commetti erro algum.

—... e salvar a reputação de minha irmã, ou morrer.

—Morrer ?

—Sim ; porque matai-o-hei !

Tudo isso era dito com calma e serenidade.

Conhecia-se que na alma de Miguel havia a vontade energica de um homem de bem e no seu coração a nobreza do pobre—a honra !

Felippe contemplava-o absorto, e como duvidando da verdade do que se passava.

A um lado, ainda de pé, mas encostada a uma cadeira

como si nella procurasse um apoio, Maria, commovida e trémula, esperava o fim e o resultado daquelle dialogo.

Depois de algum instante de silencio, Miguel perguntou a Felipe :

—Responda, Sr. doutor : o que decide ?

Felipe estremeceu, como acordando de um sonho.

—O que decido ?...—disse elle—nada.

—Nada ? mas ha de decidir alguma cousa.

—Ora, Sr. Miguel...

—Então ?

—O Senhor está gracejando.

—Ao contrario, Sr. Felipe ; nunca fallei tão sério em minha vida...

Embora...

—E aconselho-lhe que não veja em minhas palavras uma zombaria que, confesso, seria de máo gosto, tratando-se de assumpto tão grave.

—Não seja tolo !

E assim dizendo, Felipe deu um salto e procurou saltar a janella.

Não o conseguiu fazer.

Miguel tinha tido o mesmo pensamento que elle, e quando o moço estudante ia lograr o seu intento, a mão robusta do moço de Olinda segurou-lhe pelo hombro e fê-lo recuar até o meio da sala.

—Miseravel !—gritou Felipe.

—Silencio !—respondeu Miguel approximando-se com uma faca na mão direita, enquanto com a esquerda apontava para a alcova — não acorde minha mãe.

Felipe recuou.

—Mas então o que quer o senhor de mim ?

—Já lhe disse : minha irmã é uma rapariga honesta e eu não quero que ella fique manchada para sempre, perdida totalmente na opinião publica. Portanto, o Sr. vai escolher : ou casar com ella ou morrer... porque matal-o-hei ás punhaladas... hoje, amanhã, depois... que importa o dia ?

—Attenda, porém, Sr. Miguel...

—Não attendo a razão alguma. Casa ou...

—Pois bem ! casarei !—exclamou Felipe, como tomando uma resolução.

Miguel recolheu immediatamente a faca na cintura e estendeu a mão ao moço estudante.

—Sr. Felipe, não procure enganar-me, nem fugir-me... eu serei a sua sombra até o dia do seu casamento, que será infallivelmente de hoje ha oito dias. E' preciso dar tempo a que se prepare. Si até lá o senhor não tiver cumprido a sua palavra... eu cumprirei a minha.

Felippe balbuciou :

—Sim... sim.

Então Miguel voltou-se para sua irmã, que assistira a toda esta scena sem pronunciar uma palavra—tanto era o seu susto —e disse-lhe brandamente :

—Mãria, pôdes dar a mão ao Sr. Doutor. . . de hoje em diante é teu noivo.

Maria aproximou-se do mancebo e mal pode pronunciar uma palavra :

—Felippe !

O estudante abraçou-a com toda a cerimonia.

Formára já o seu plano, e para que elle surtisse bom effeito, era-lhe preciso affastar toda a suspeita.

— Maria !—murmurou elle com doçura.

—Agora, disse Miguel : pôde retirar-se. Espero-o amanhã para fazer o seu pedido ao meu pai.. e dentro em oito dias quero chamal-o meu irmão. Está justo ?

—Está.

E Felippe sahio, não por onde tinha entrado, mas pela porta



Apenas transpôz a rua e viu-se longe daquella casa, cuja entrada lhe fôra tão fatal, o estudante respirou largamente.

—Escapei de boa !—pensou elle.

E dirigiu-se apressadamente para o sobrado, onde ficava a sua *republica*.

Ao approximar-se da porta, voltou-se : um homem acompanhava-o de longe, embuçado em um capote.

Felippe entrou em casa e chegou á janella : o homem estava sentado defronte e fumava.

O estudante retirou-se a seu quarto, sombrio e apprehensivo : de balde tentou conciliar o somno.

Ergueu-se da cama, dando aos diabos a vigilia e voltou á janella.

O homem embuçado estava no mesmo lugar.

Felippe entrou, fechou a vidraça e começou a passear pela sala.

Ruminava no espirito os projectos mais insensatos e impossiveis.

A's vezes passava por detraz dos vidros e olhava para a rua.

O homem do capote estava sempre defronte.

—Não ha duvida!—murmurou o mancebo—é o Miguel que, deveras, constituiu-se a minha sombra . Deixa-te estar trante ! no fim havemos de ver quem é mais esperto, si o estudante, si o *cafageste*. (*)

E continuou no seu passeio.

Assim clareou o dia.

O homem do capote havia desaparecido.

*
* *

Com a luz do sol, desapareceram em Felipe as impressões do terror e muito modificadas foram as suas idéas.

O vulto robusto e decidido do irmão de Maria já não lhe parecia tanto para temer, nem tão pouco as suas ameaças tinham o poder de commovel-o e atemorisal-o.

A's vezes, recordando os episodios pelos quaes passára naquella noite, o estudante chegára a convencer-se de que havia feito um papel bastante ridiculo.

Por isso, e para não decahir de consideração no conceito dos seus collegas e imitadores, o moço libertino julgou prudente occultar a todos a aventura.

Parecia-lhe vergonhoso ter de confessar a sua derrota, e de mais a mais o triumpho alcançado sobre a sua bravura reconhecida por um simples *cafageste* . . um biltre sem eira nem beira, e cuja nobreza e consciencia poderia ter comprado por um punhado de moedas.

Nada disse, pois, do que se tinha passado.

Tambem ligou pouca importancia aos acontecimentos, que lhe foram tão fataes, e quasi que conseguiu se esquecer de Miguel e do que elle lhe havia dito.

Apenas, por excesso de precaução, nesse dia se absteve de passar pela rua de *Mathias Ferreira*.

Debalde Maria esperou-o impaciente e mais garrida do que nunca.

Felipe não appareceu.

Veio a tarde.

Os companheiros do estroina cearense convidaram-n'o para um passeio, que finalisaria infallivelmente na *Floresta*, por en-

(*) Nome que em Olinda, e mais tarde no Recife, os estudantes davam a toda a pessoa que não pertencia a sua classe : com mais particularidade aos artistas.

tre as garrafas de alguma ceia e as mulheres de algum alcouce do Recife.

Por muito tentador que fosse o convite, por muito forte que fosse a insistencia, Felipe pretextou ligeiro incommodo e não accedeu ao convite.

E' que se approximava a noite e, de envolta com os seus véos lugubres, voltavam os receios e os terrores.

Está reconhecido e provado que os maiores criminosos são os homens mais cobardes; assim tambem os maiores libertinos, os peiores D. Juans, são sempre as criaturas mais timoratas e apprehensivas.

Pelo menos com o nosso heróe assim acontecia

E foi por isso que elle resolvera não sahir de casa e, portanto, não se arriscar a qualquer encontro que lhe fosse desairoso ou pelo menos incommodo.

Cahio a noite inteiramente: e, apenas foram accesos os antigos lampeões de azeite, que semelhavam, de longe, a uma fileira de forcas, um moleque entrou em casa dos rapazes e entregou um bilhete a Felipe.

O estudante abriu-o e leu o seguinte:

« Passou um dia: restam-lhe ainda sete.

Miguel. »

Felipe amarrotou o bilhete e cahiu sentado em uma cadeira.

Dissolvera-se a ultima dúvida, que por ventura lhe restava. Com effeito, elle estava mettido em calças pardas.

As ameaças de Miguel não eram vãs, nem o moço artista desanimára de levar ao cabo o seu proposito.

Felipe estava desesperado.

—Nada!—exclamou elle consigo, dando um murro no braço da cadeira:—é preciso que isto acabe. Eu não sou uma criança de quem se zombe e a quem se metta medo com uma faca.

Ergueu-se, passou a mão pela fronte como para acalmar a effervescencia das idéas e dirigiu-se á janella.

Recuou sobresaltado.

Defronte, sentado na rua, estava firme no seu posto o homem do capote.

Felipe vestio-se e sahio fóra de casa, e no fim de alguns passos reconheceu que era seguido.

Retrocedeu então e apressadamente dirigiu-se para o vulto que o acompanhava.

—Sr. Miguel...—começou elle...

—Um seu criado, Sr. Felipe.

—Faz favor de dizer-me a razão por que me segue?

—Nada mas facil : cumpro a minha palavra. Declarei hon-tem que seria a sua sombra até que o Senhor se casasse com minha irmã, e bem vê. . .

—Mas isto é intoleravel !

—Não, Senhor ; é justo.

—E si eu não estiver para soffrer essa especie de . . . de insulto que me faz ?

—Não é insulto ; é até amizade — respondeu Miguel com certa ironia — Acompanhando-o, constitui-me seu guarda-costas, e impuz-me o dever de defendel o de qualquer aggressão, que lhe queiram fazer. . .

—Dispenso esse interesse.

—Tambem não é sómente pelo Senhor . . . é ainda mais por minha irmã.

—Mas eu não quero . .

—Não quer o que ?

—Que o Sr. me acompanhe.

—E' impossivel fazer-lhe a vontade.

—Neste caso persiste no seu proposito ?

—Com todo o empenho.

Felippe pensou alguns miutos. Discutia comsigo qual seria melhor ; si atirar-se alli mesmo ao seu perseguidor e terminar n'uma lucta, que poderia ensanguentar-se, uma situação intoleravel ; si retirar-se em paz e recorrer á astucia para desorientar o seu inimigo.

Miguel era robusto, mais robusto do que elle : era um homem do povo e que pouco poderia perder.

Felippe acceitou a segunda hypothese.

—Bem !—disse elle : póde acompanhar-me á sua vontade. E voltou para casa.

* * *

No dia seguinte, logo ao amanhecer e apenas verificou que o seu nocturno espião se havia retirado do posto costumado, Felipe vestiu-se apressadamente e, sem despedir-se dos collegas, desceu ao Varadouro.

E' o ponto, onde estavam reunidas as canôas que conduziam os passageiros, viajantes e qualquer pessoa, de Olinda para o Recife.

N'aquelle tempo era pessima a estrada, que se prestava a esta viagem e, além disso, bastante arriscada pelo perigo que offerecia aos transeuntes.

Infestada de ladrões — alguns arregimentados em quadri-lhas — apresentava a estrada, sobretudo no logar denominado *Ponte da Tacaruna*, um aspecto pouco agradável.

Contava-se muitos casos de pessoas que, sahindo do Recife para Olinda, ou vice-versa, não haviam chegado ao seu destino, tendo-se encontrado depois os seus corpos a boiarem, apunhalados e roubados, nas aguas do Capibaribe.

O trajecto, pois, de Olinda para o Recife, cu desta para aquella cidade, era feito pelo rio em canôas.

O porto, onde estas ancoravam á espera dos freguezes, era justamente o Varadouro.

Foi, portanto, para ahi que Felipe encaminhou-se.

Era seu pensamento fugir para o Recife e deixar assim passar a furia do irmão da sua namorada, ou de lá mesmo tomar nova resolução, que lhe puzesse a salvo das suas ameaças e exigencias.

Felipe ajustou uma canôa, metteu-se n'ella e mandou tocar para a antiga Mauricéa.

O canoeiro levantou a vara, deixou-a cahir na agua e deu á canôa o impulso da partida.

— Quanto mais depressa chegarmos melhor será — lhe disse o mancebo.

O negro canoeiro mostrou os dentes n'um riso alvar de alegria.

— *Siô paga ua gorogêta?*

— Pago.

— Eh! . . . de quanto?

— Quanto queres?

— Meia pataca.

— Dou-te uma.

— Eh! eh! eh! *é bota ni Recife nua quato de hõra.* Canôa de pai *Rinacio core mage* do que viado.

— Então, toca!

A canôa deslisou, saltando sobre as laminas transparentes do Beberibe.

Felipe respirava como si lhe tivessem tirado do peito um peso enorme.

E a canôa vogava.

De repente, ao contornar uma ponta coberta de mangue, uma voz partiu da margem do rio e, cortando o ar como um sibillo, fez soar estas palavras imperiosas:

— Eló! pai Ignacio! páre.

Ouvindo aquelle som, Felipe estremeceu convulsivamente.

— Toca! — gritou elle.

— Eh, *siô*, canôa vai voando.

— Pára! — gritou de novo a mesma voz.

E ao mesmo tempo, desenhou-se, por entre os mangues da margem do rio, o vulto robusto e elegante de Miguel.

— *Siô nã qué!* respondeu o negro correndo a vara com toda a força.

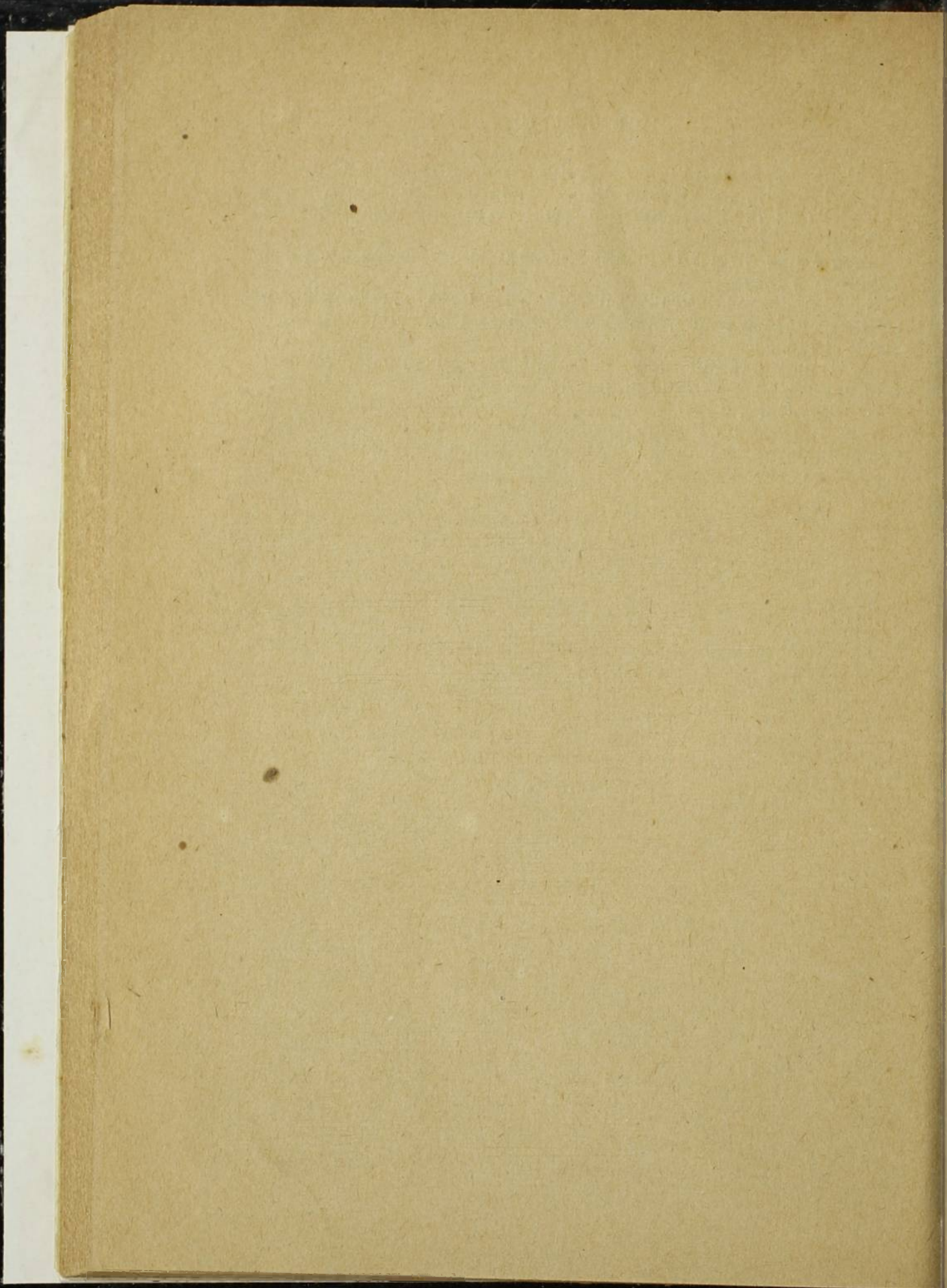
Ah! não quer?!— gritou Miguel com um gesto de furor — veremos isso.

E assim dizendo atirou-se n'agua, e começou a nadar vigorosamente para a canôa, tendo nos dentes a scintillante e inseparavel faca.

— Dou-te dez mil réis... vinte mil réis, si aquelle tratante não nos pegar — gritou Felippe desesperado.

— *Pai Rinacio* sabe o que faz! respondeu o negro.

E, retesando os musculos de aço do seu braço tostado, enterrou a vara na areia, dando á canôa um impulso vigoroso.



XII

Como succedêra que Miguel, depois de haver abandonado o seu posto de observação, se achasse tão a proposito na margem do rio, quando Felipe se preparava para fugir ?

O facto, por mais extraordinario que pareça, era entretanto, naturalissimo.

O moço do povo, quando determinára pôr-se de alcatêa aos passos do seductor de sua irmã, não contára comsigo sómente.

Encarregando-se de observal-o durante a noite, havia incumbido a um amigo da tarefa de seguil-o de dia e de lhe dar conta de tudo quanto fosse ou parecesse suspeito.

Uma das cousas que Miguel mais receiava era justamente a retirada do estudante para o Recife, cidade maior que Olinda, e onde, portanto, elle poderia escapar á sua vigilancia e talvez mesmo á sua vingança.

O povoado, unico porto de embarque n'aquelle tempo, era por isso o mais vigiado.

N'aquella manhã, apenas Felipe se dirigira ao logar onde ancoravam as canôas, o amigo de Miguel o vira, e quasi que lhe adivinhando a intenção, fôra apressadamente communicar ao irmão de Maria o facto que lhe parecia suspeito.

E elle embarcou ? — perguntou-lhe o amigo.

--Embarcou.

— Só ?

— Sósinho.

— Então é justamente como tu pensas.

— Entretanto, pode ser um simples passeio — observou Maria, que assistia a conferencia.

— Qual passeio, nem meio passeio ! Si fosse hoje quinta-feira ou domingo, era possivel, mas dia de aula... nada ! o marôto, que embarca tão cêdo para o Recife, é porque pretende fugir.

— Quem sabe ?

— Mas juro que não logrará o seu intento. Elle só ha de sahir de Olinda depois de casado ou morto.

Assim dizendo, Miguel metteu no cós da calça a sua inseparavel companheira de perigos e excursões, e dirigiu-se apressadamente para o porto

Felipe já havia partido.

Então Miguel encaminhou-se correndo pela estrada da po-

voação dos Arrombados, hoje de *Duarte Coelho* e, conhecedor, como era de todos aquelles arredores, dirigiu-se em linha recta para a ponta da margem onde o vimos apparecer tão inesperadamente.

*
* *

Com o impulso vigoroso que lhe fôra dado, a canôa saltava sobre a vaga com a rapidez do galgo.

Atraz della, na sua esteira, com o braço robusto do bom nadador, Miguel cortava as aguas com energia sobrehumana.

Era uma luta singular.

Na frente corria a canôa—a massa bruta guiada por um negro boçal, cujo unico interesse era o ganho.

No seu encalço avançava em progressão espantosa o homem guiado pela intelligencia robusta e sustentado por uma vontade de ferro, animadas de mais a mais pela força sobrenatural de um sentimento nobre.

Felippe impacientava-se, enfurecia-se. Daria tudo para ver aquelle homem afogar-se.

A' sua voz, o negro canoeiro redobrava de esforço e a canôa parecia voar, levantando ao redor flocos de espuma.

Mas, o seu perseguidor tambem não esmorecia e cada vez se approximava mais do objecto de sua cobiça.

—Elle aproxima-se, pai Ignacio!—dizia o estudante no auge da raiva.

—Eh, siô moço! siô Miguel é miô nadadô de Olinda. Dentro d'agua é quem peixe!

—Neste caso, achas que elle nos pegará.

—Inhõ sim.

—Só ha um meio de escapar-lhe...

—Tocá mais depressa é *impossible*, siô.

—Não é isso: o meio é cançal-o.

—Cuma?

—Fazendo bordadas... Navegando em zigs-zags.

—Cuma é?

—Bota a canôa para a direita.

Esta manobra illudiu a Miguel.

—Ah!—pensou elle—o patife vai saltar em terra. Tanto melhor.

E desviando-se da linha recta, o rapaz nadou no encalço da canôa.

Quando esta, porém, se achava algumas braças da terra, e Miguel mais proximo do que nunca, Felipe gritou :

—Vira... toca para a esquerda.

—A canôa virou e cortou as aguas para a margem opposta.

—Ah!—rugio o nadador—Façam o que quizerem, mas eu hei de pegal-os.

E mergulhou immediatamente.

A canôa seguiu o caminho transversal, mas elle entre duas aguas, cortou em linha recta para a frente.

Minutos deprecis surgiu á tona d'agua, mas para de novo mergulhar e seguir o mesmo rumo.

Felippe, que o vio desaparecer instantaneamente, affagou uma idéa terrivel.

—O ladrão cançou! disse elle.

—Eh! respondeu o negro...—*siô Miguelé* nunca se cança.

O estudante perlustrou todo o rio.

—Segue!—bradou elle.

A canôa orçou e singrou velozmente para o Recife.

Mas então, á frente d'ella algumas braças, a agua moveu-se saccudida por estranho movimento, e á sua superficie surgiu a cabeça ameaçadora de Miguel

Felippe deu um grito :

Volta.

O negro ergueu a vara para executar a manobra, mas então Miguel, dando duas formidaveis braçadas, bradou-lhe igualmente :

—Pára.

E de novo mergulhou.

Quando surgiu, estava ao pé da canôa e com a mão esquerda segurava-lhe na borda.

Mette a vara neste diabo! gritou Felipe furo de furor.

O negro levantou a vara.

—Si o fizeres, mato-te! retrucou Miguel empalmando a faca com a mão direita e saltando ligeiro para dentro da canôa.

O negro ficou petrificado; o movimento de aggressão começado terminou n'um grunhido de terror e de humildade.

Felippe havia impallidecido.

Miguel voltou-se logo para o pobre canoeiro.

—Vira a canôa e volta para Olinda:—disse elle.

E foi sentar-se no banco defronte de Felipe.

—Com que, o Senhor queria fugir?—perguntou elle com ar de mofa.

Felippe apenas poud balbuciar :

—Eu?

Onde estava a sua coragem tão apregoada entre os collegas?

E' que o estudante, actualmente, se achava a braços com

um perigo serio, real ; e a sua bravura era d'aquellas que se provam a todos os momentos, porém menos nas occasiões.

—O Senhor mesmo—respondeu-lhe Miguel—não tivesse intenção de escapar á minha vigilancia e portanto ao cumprimento de sua palavra, quando eu gritei para que a sua canôa parasse, o Sr. não teria mandado tocá-la com mais força...

Felippe nada respondeu.

—Não é isto ? continuou a perguntar-lhe Miguel — não acha o Senhor que eu raciocino com justeza ?... Não falla ?

Felippe continuava a guardar o mais completo silencio.

Estava enraivecido, medroso, e temia que, fallando, deixasse escapar uma offensa que lhe acarretasse algum perigo imminente.

Naquella lucta elle havia tido occasião de apreciar a energia do rapaz e agora avaliava de quanto seria elle capaz para levar ao cabo uma resolução tomada.

Nada dizia, portanto.

Comtudo, Miguel continuou :

—Não importa ! pode deixar de responder-me, —está no seu direito ; o que não quero, nem consentirei nunca é que deixe de cumprir a sua palavra. Seria uma falta indigna de um homem de bem e que, de mais a mais, estuda para doutor e que terá talvez de ser no futuro algum juiz.

O rapaz olhava o estudante com um riso sardonico nos labios.

—Não acha ? Cá por mim, é a minha opinião. Olhe ; eu nunca estudei, nem pretendo ser doutor nem juiz... e comtudo nunca faltei á minha palavra, fosse ella qual fosse, e bem vê que não hei de consentir agora que o meu futuro cunhado commetta uma cousa destas.

Felippe abaixou a cabeça, como o réo que ouve a sentença que o condemna ás galés.

Miguel proseguiu :

—O Sr. volta para Olinda e não sahirá de lá senão depois de casado...

Felippe sorriu-se.

—Não ria-se : quando eu digo uma cousa, está dita. Assim como impedi que o Sr. fugisse, impedil-o-hei de qualquer outra cousa. É demais, fique sabendo, uma vez por todas, que não sou eu só quem o vigia. Tenho quem, como eu, faz a mesma cousa. Foi um desses que me avisou hoje de que o Senhr havia embarcado. Bem vê que será escusado tentar outra vez o que hoje se mallogrou... e, note-se que, de outra vez, talvez se torne a cousa mais séria e por isso mais fatal para o Senhor. Eu sou um homem que nem sempre tem paciencia e sangue frio, e então, quando me zango... ai Jesus ! não olho para nada ! faço

o que quero, e mando o diabo ás ortigas. Entende?. . Falle, homem! ao menos responda a isto só.

E Miguel, sacudindo-lhe o braço rijamente, repetiu-lhe a pergunta :

—Entende ?

—Entendo ! respondeu Felipe de máo modo.

—Ora graças !—exclamou o seu futuro cunhado : parece-me que o Senhor é um homem, com quem não se deve ser delicado. Agora ouça o resto. Está ouvindo ?

—Estou.

—Bem. Nós voltamos para Olinda. Como lhe permitti, o Senhor tem ainda adiante de si cinco dias, sem contar com este, para tratar do seu casamento e preparar-se para elle. No fim desse tempo, esteja ou não prompto, o casamento se fará, ou então, o dito dito. Comprehende ?

—Comprehendo.

—Gosto d'isso.

*
* *

Pouco depois, Felipe entrava em sua casa.

—Oh !—exclamou logo um dos companheiros, apenas o viu —com que cara vem o Felipe.

—E' verdade :—bradou outro —parece a

cara de réo com fumos de juiz

de que fallava Bocage.

—O que tens tu, Lovelace ?—perguntou um terceiro, batendo-lhe no hombro.

—Nada ! —respondeu Felipe, franzindo a testa e retirando-se para o quarto.

A's horas d'aula seguiu para a Academia, e a cada canto, por que passava, em cada pessoa, que encontrava, parecia-lhe ver um espião que o seguia com insistencia.

A sua vida tornára-se intoleravel.

Passou-se aquelle dia... seguiu-se a noite... e após ella outro sol veio acclarar as terras do Brazil.

Felipe todo o dia pensou e cogitou nos meios de escapar á sorte que o esperava.

A sua imaginação estava ingrata, esteril : nem uma só idéa lhe appareceu aproveitavel.

Veio a noite.

O estudante passeiava na sala, quando sentiu cahir a seus pés um objecto, que fôra arremessado da rua.

Era uma pedra amarrada a um papel.

Felippe leu o seguinte :

« Passou mais um dia ; faltam-lhe apenas quatro. »

« Miguel. »

Isto reproduziu-se durante os tres dias seguintes.

No ultimo, depois do seu primeiro encontro com Miguel, ia elle saber, quando á porta encontrou o irmão de Maria que o ia procurar.

— Sr. Felippe ; — disse elle — amanhã finda-se o prazo.

— E então ?

— Venho prevenil-o de que cumprirei a minha palavra.

— E si eu fôr desde já queixar-me á policia e pedir auxilio contra o Senhor ?

— Queixe-se ou não, faça o Senhor o que quizer, cumpril-a-hei... amanhã ou depois, aqui ou n'outro lugar... para mim será o mesmo. Sei que soffrerei uma pena, mas ao menos deixarei um exemplo.

O tom, com que foram ditas estas palavras, era tal, que Felippe sentiu o frio do medo enregelar-lhe a medula dos ossos.

— Eu cumprirei o que prometti — disse elle.

E afastou-se.

Miguel seguio-o, embuçando-se no seu capote.

*
* *

No outro dia, das oito para ás nove horas da noite e no convento de S. Francisco, teve lugar o casamento de Felippe com Maria.

A este casamento assistiram sómente os pais da noiva, Miguel e mais dois amigos deste.

Tudo correu placidamente a não ser um pequeno incidente, inexplicavel, entretanto, mas que nem por isso adiou a cerimonia.

Ao subir ao altar, Maria, que ia singelamente vestida, sentio como que uma subita vertigem.

Deu um ligeiro grito, levou as mãos ao seio, e cahiria nas

lages do templo, si o braço de seu irmão a não amparasse na quéda.

Durou o desmaio alguns minutos.

Quando a moça tornou a si, seu irmão carinhosamente perguntou-lhe o que sentira.

—Uma especie de punhalada no coração :—respondeu ella.

—Si está incommodada.—observou Felippe — podemos adiar a cerimonia.

—Não — respondeu ella —estou prompta.

E subiu os degrãos do altar-mór.

A cerimonia começou e, quando Felippe deu á mão a sua noiva, sentiu uma sensação de frio tão intensa que recuou admirado.

Deitou os olhos na moça e mais o admirou ainda a sua extrema e transparente pallidez.

Findo o acto, que para sempre ligava aquellas duas almas, o mancebo dando o braço á sua noiva, conduziu-a para casa.

Ao seguil-a, notavam todos a estranha pallidez da moça e mais do que isto talvez o seu andar vagaroso e sem as ondulações flacidas e seductoras que ella tinha.

Dir-se-hia um automato que andava.

Ao lado de Felippe a sensação inexplicavel do frio, que elle sentira ao contacto da mão de sua noiva, não desaparecia : antes, porém, augmentava cada vez mais.

Parecia-lhe conduzir pelo braço uma pallida estatua de marmore, orvalhada pelas lagrimas da noite.

Felippe declarara, antes de se casar, que levaria sua mulher para a casa de seus pais.

Dirigiram-se todos para a rua de *Mathias Ferreira* : e a humilde casa do pobre velho Theodoro recebeu o novo par.

Apenas entrou em casa, Maria dirigiu-se sempre automaticamente para o quarto, que lhe haviam preparado, e encerrou-se n'elle.

O estudante deixou-a ir, acompanhando-a com o olhar frio da indifferença, e depois, voltando-se para a sua nova familia, fallou :

— Segundo as condições que impuz esta manhã, quero que este casamento seja ignorado por todos.

— Assim será.

— Cumprí a minha palavra, casando-me : mas quero tambem, de hoje em diante, ser senhor da minha vontade, sem que espião algum me tolha os passos.

Miguel deu um passo para a frente :

— Prometto deixar-lhe inteira liberdade—disse elle — e não intrometter-me-hei mais nos seus negocios, senão n'um unico caso.

— Qual ?

—Na hypothese,— que espero o senhor não realizará—de maltratar minha irmã.

— Não o farei ; descance—prometteu o estudante.—Respeital-a-hei como minha mulher que é.

—E faça-a feliz!—supplicou a pobre velha, mãe de Maria—ella o ama tanto, Sr. Felipe.

—Sim, senhora.

Respondeu o rapaz e, indo buscar o chapéo, preparou-se para se retirar.

—Como ? perguntou Miguel—não fica ?

—Voltarei mais tarde. Agora vou até á casa... preciso que os meus companheiros me vejam... Quero desvanecer quaesquer suspeitas.

E sem esperar por mais nada, Felipe sahiu.

Ao desembocar da rua, um grupo de collegas acercou-se d'elle.

—Oh !... eil-o aqui ! bradou um.

—Nós iamos a tua procura !—bradou outro.

—Disseram-nos que te havias casado...

—Eu ? .. balbuciou o mancebo...

—Tu, sim...

—Quem é a noiva ?...

—E' bonita ?

—E' rica ?

Felippe esbravejava no meio d'aquella turba sardonica e curiosa.

—Deixem-me !—gritou elle.

—Então...

—Mas conta-nos.

—Dizem que foste agarrado para casar...

—E' falso !—bradou elle.

—Falso o que ? A violencia... ou o casamento ?

—Ambas as cousas.

—Ah !... serio ?

—Palavra de honra.

E meio serio, meio zangado, meio brando, meio aos empurrões, Felipe libertou-se do circulo que o apertava, e seguiu o seu caminho.

Mas adiante, novo encontro e novas perguntas.

Desesperado, fóra de si, sentindo a colera subir-lhe em ondas do coração á cabeça, o rapaz correu como um louco até o Varadouro, mettu-se em uma canôa e bradou ao canoeiro :

—Para o Recife e já...já; senão endoudeço.

Davam dez horas da noite na torre da velha Sé de Olinda.

XIII

Deixemos por um momento as plagas de Olinda, onde assistimos ao epilogo das façanhas do moço cearense, e vamos até aquelle risonho engenho, á sombra de cujas carnaúbeiras vimos florir o robusto e esperançoso amor de Livinha.

Depois da partida de seu primo, após aquella noite de lubrica saudade, a sobrinha do Sr. Ludovico começou a sentir na alma o vago desassocego que produz quasi sempre a consciencia de uma falta.

Passado o primeiro assomo do delirio—daquelle delirio sem nome que se apoderára de seus sentidos superexcitados pela mágoa—voltou a moça para o seu estado habitual de languidez.

Livia, conscia do triste papel que representára e, já tarde, lastimando a loucura que praticára, chorou a perda irreparavel da sua innocencia.

O remorso agrilhoou todos os seus pensamentos e para ella principiou então essa cadeia interminavel de angustias, que nasce no primeiro passo para o esquecimento do dever e só termina no ultimo suspiro da vida.

Os dias da pobre menina tornaram-se fontes eternas de um justo remorso.

Suas noites não foram mais do que o espaço necessario ao desenvolvimento de um vasto poema de dôr e de lagrimas.

Avaliando toda a extensão da falta commettida, lastimando uma a uma a queda dos botões de laranjeira da sua santa castidade, Livia contemplava o passado com a saudade, que inspiram os tempos em que se podia trazer a frente elevada pela consciencia de uma pureza immaculada.

Chorava o presente como attestado da fraqueza de sua virtude: e olhava o futuro, não com a confiança de quem espera nelle encontrar a rehabilitação de uma falta, mas sim com o vago presentimento de quem vislumbra n'elle a confirmação do remorso, a sentença inevitavel de uma condemnação.

Livia tinha medo.

Por uma intuição tardia, conhecera que o amor, que se rende, é um amor que se suicida; e que a mulher, que se entrega, tem perdido para aquelle que a seduz todo o encanto, todo o attractivo do desconhecido.

O amor é um desejo, uma aspiração: é menos do que isto, talvez, é uma curiosidade. Satisfeita ella, todo o esforço que

o alimentava, desaparece ; a razão de sua existencia deixa de ser, e elle se some, da mesma maneira que a sêde depois de saciada.

O que faz o encanto, o que desafia o vigor, o augmento, o desespero do amor é o mysterio, é o véo do incognito com que se cerca o objecto que o produz.

O que se adivinha é sempre o que mais imperio e mais impressão causa em nossa alma.

D'esde que a mulher atira para longe as gazes, já por si transparentes, do seu pudor e desnuda o coração e a alma, o melhor elemento do amor que ella inspirava — isto é : o prestigio do mysterio, a difficuldade, — desaparece, e ella desce, simples mortal, da peanha em que a adoração do homem a collocara deusa.

A vulgaridade dos prazeres e gozos sensuaes vai pouco a pouco asphixiando a sublimidade dos anhelos da alma e a posse mansa e pacifica, estabelecendo os direitos da propriedade, aliena, as vezes de chofre, todas as inspirações da imaginação, toda a energia da alma empregada nos meios de conseguil-a.

Os carinhos, as delicadezas do coração, o desejo de agradar, transformam-se repentinamente em simples resultado de uma obrigação penosa e muitas vezes até esquecem-se de todo para darem logar a mais ingrata indifferença.

Livinha teve como que a inspiração, a revelação intima, de todas essas grandes verdades e convenceu-se de que para dominar o espirito e o coração de seu primo já não possuia a mesma força magnetica de outr'ora.

Então derramou as lagrimas amargas do arrependimento.

No intimo da sua alma surgiu um raciocinio incontestavel, que lhe matou a ultima illusão que por ventura lhe restava.

— Si Felipe — pensava ella — tão depressa esqueceu os seus juramentos de fidelidade e tratou-me com tanta indifferença, em outro tempo, quanto mais agora, que não sou para elle mais do que uma mulher sem prestigio e até... sem pudor ! Quem sabe o que elle pensará de mim ?

E então, no esforço da sua angustia e para oppor ao remorder incessante da sua consciencia — implacavel juiz que nos julga sempre sem appellação, — procurava ella uma justificativa para a sua immensa e irreparavel falta :

— Mas, elle bem devia saber... bem devia avaliar que si assim proce ti, não foi por ter os instinctos de uma mulher perdida, nem tão pouco por excesso de leviandade. Foi por amal-o muito, e mais do que isto, porque na minha ignorancia e innocencia suppunha ser o unico meio de despertar no seu coração o amor que parecia adormecido.

E a pobre menina chorava... chorava a cortar o coração.

N'uma dessas occasiões, ouvindo do quarto proximo os soluços ininterrompidos da moça, Laurinda correu ao seu leito e abraçou-se com ella.

—O que tens, Livia ? porque choras ?

A gentil e infeliz menina estremeceu, como se lhe houvesse descoberto o segredo e murmurou em desespero :

—Não sei.

—E' impossivel.

Houve uma pausa, durante a qual as lagrimas de Livia correram silenciosas.

—Vamos ;—insistio a prima — porque choras ? Eu quero que me digas tudo...

—Tudo ? — perguntou a moça com terror.

—Sim. Desde que meu irmão se ausentou que te vejo ir cada vez, ficando mais triste... entretanto, elle fez as pazes contigo, e papai prometteu que apenas elle voltasse formado o teu casamento se faria.

— Quem sabe !

— Duvidas da palavra de papai ?

—Não ; mas duvido de mim...

—Como de ti ? estás arrependida de ter amado meu irmão ?

—Oh ! não ! não !

—Como se entende então o que disseste ?

—Si tu não me deixaste concluir...

—Então acaba.

—Duvido de mim que estou muito doente, e ainda mais de teu irmão.

—De Felipe ? porque ?

—Tenho um presentimento de que elle agora me despreza e repelle.

—Como ? !

—Ora ! presentimento !

— Loucura tua !

*
**

Por mais esforços que empregasse Laurinda, era-lhe impossivel distrahir sua prima.

O estado morbido do espirito da linda cearense começou, ou antes, continuou a influir poderosamente em todo o seu organismo physico.

A pallidez, que já era a côr predominante da moça, cada vez acentuava-se mais, a ponto de dar ao seu rosto a transpa-

rencia doentia do alabastro. Dir-se-hia que L'via, perdendo o sangue pouco a pouco, se ia tornando completamente anemica.

Vágados repetidos e longos iam quebrando as suas forças e diminuindo a seiva de sua vida.

Alimentos estimulantes, medicamentos appropriados, tudo foi empregado debalde : a estioloção progredia a olhos vistos e a natureza, auxiliada pela medicina, era impotente para oppor barreira a tão rapido decrescimento de forças.

Com os olhos fundos, cercados de longas olheiras de bistre, animados apenas por um brilho deslumbrante, mas incerto, Livinha parecia a sombra do que fôra.

Esqualida figura, imagem transparente de mulher, a moça ao andar parecia uma sombra phantastica que resvala, a meia noite, por entre as campas de um vasto cemiterio.

Em casa, todos cercavam-n'a dos maiores cuidados e carinhos.

Ludovico, sobretudo, era de um extremo sem limites.

As vezes acercava-se d'ella, tomava-lhe as mãos finas e geladas entre as suas e lhe perguntava com essa voz sympathica e irresistivel da amizade paternal :

—Mas o que tens tu, minha flôr ?

—Eu, meu tio ? vou murchando.

—Isto vejo eu : mas o que quero saber é a razão, é o por que murchas ?

—Ora porque é que murcham as flôres ?

—Por excesso do sol.

—Ou por falta delle.

O pobre velho, para animal-a, sorria.

—E o teu sol é Felipe, não é ?

A moça curvava a cabeça e chorava.

De uma vez, Ludovico não se poudo conter.

—Pois bem, Livia !—disse elle com aquelle ar resolutto que lhe era peculiar —eu não quero que morras . . .

—Isto é cousa infallivel, meu tio : —respondeu a moça com o desabrochar de um pallido sorriso —todos nós havemos de morrer.

—Bem sei ; mas tu és ainda uma crianca e tens muita vida diante de ti. Vou escrever ao meu correspondente, em Pernambuco e dar-lhe ordem para . . .

—Para que ?

—Ora, para que ha de ser ? para mandar-me o Felipe quanto antes.

—Mas elle está estudando . . .

—Que não estude ! com os diabos ! levem os diabos os estudos do rapaz, si por causa delles, tivesse eu de ver-te morrer assim nesta idade.

—Mas, meu tio . . .

—Tenho dito ! O Felippe ha de vir a casar-se contigo.

Livia deu um longo e estremeado suspiro. O velho continuou :

--Depois, se quizer, que estude.

A moça agradeceu ao tio com um longo e humido olhar de felicidade.

*
*
*

Com effeito, a carta e a ordem terminante de Ludovico partiram para o Recife.

Durante a demora que teve a resposta, Livia sentiu alguma melhora. Não lhe voltaram as côres, não : mas o desassocego, que era o estado habitual da sua alma, desappareceu por um pouco.

Mais calma, quasi que a sentir a esperanza lhe renascer no coração, a moça quedava-se ás vezes na janella de seu quarto e deixava errarem os olhos para a banda do sul, ao passo que o seu pensamento, atravessando a amplidão, ia ao encontro daquelle que para ella constituia toda a felicidade na terra.

As vezes suspirava.

—Não ;—murmurava ella mansinho —elle não virá : sinto-o, conheço-o. Si elle viesse, si me amasse ainda, a minha alma não estaria tão triste.

Então lembrava-se do seu juramento... do juramento do primo.

—Si eu morrer antes de vel-o ;—dizia ella —irei despedir-me d'elle.

Assim passavam se os dias, até que chegou aquelle, em que era esperada a resposta da carta de Ludovico e com ella o moço estudante.

— Este não veio.

Livia sentiu reabrir-se em seu coração a ferida por um momento fechada e, ao avistar seu tio, nas horas do costume, conheceu, pelo contrahir nervoso das suas sobrancelhas, que as noticias chegadas não eram das mais lisongeiras.

A moça correu ao encontro do velho, e com essa liberdade, que tem as doentes mimosas, perguntou-lhe de chofre :

—Recebeu resposta ?

Ludovico estremeceu como apanhado em descuido.

—Recebi :— respondeu elle de máo modo.

—E... então ?

—Não veio !

A moça sentiu-se vacillar.

—Nem virá?—perguntou ella a tremer.

—Não sei—respondeu o velho contrahindo os sobr'olhos, e fugindo á sua sobrinha.

—Livia sentiu despedaçar-se-lhe a alma.

—Era o que pensava!—murmurou ella desmaiando.

Ludovico retirou-se da sala com as lagrimas nos olhos.

Encerrou-se no seu gabinete e reabriu a carta do seu correspondente.

Era um vasto relatório da vida irregular, devassa e desenfreada de Felipe.

O correspondente communicava-lhe que fôra infructifera a tentativa que fizera com o fim de obter do rapaz que voltasse para o Ceará.

Pretextando os estudos, que não devia nem podia interromper, Felipe declarava que só voltaria á sua provincia depois de formado... ou pelo menos no fim do anno, por occasião das férias.

O correspondente então se abriu um pouco e desvendára o verdadeiro motivo daquella ordem tão subita e tanto bastou para que o rapaz mostrasse a maior repugnancia em obedecer ás ordens de seu pai.

Afinal, o honrado negociante do Recife, concluiu.

« Creio que fiz mal em dizer ao senhor seu filho que o motivo da chamada de Vmc. era a realisação do vantajoso casamento d'elle com sua prima.

« Ao ouvir tal noticia o rapaz tornou-se ainda mais firme no proposito de não lhe obedecer e foi quando me declarou que só voltaria ao Ceará depois de formado.

« Parece-me visível a repugnancia que elle tem por um tal casamento: entretanto, seria esse talvez o unico meio de corrigil-o da vida irregular que elle tem levado ultimamente em Olinda.

« Os encargos do casamento talvez lhe pesassem de fórma, que o obrigassem a apagar um pouco o fogo da imaginação, que tanto o prejudica, e lhe puzessem um freio a tanto desmando.

« As vezes uma mulher corrige um homem. »

.....

Acabando de reler esta carta, Ludovico atirou-a para longe com gesto de furiosa indignação.

—Oh! tratante!—murmurou elle entre dentes.—E' preciso que eu vá corrigil-o... eu?... O que diabo faria uma mulher alli? Uma mulher só corrige a quem tem brio... e aquelle patife perdeu-o de todo... sim, de todo.

O velho ergueu-se e começou a passeiar.

— Quem diria que aquelle santinho de aqui havia de se tornar' o que é em Olinda !... Corrigir-se... por meio do casamento ?!... E' bôa !... Era preciso que minha sobrinha fosse outra mulher... e não um pobre arjo que só sabe chorar e soffrer... amar e mais nada !... De correcção precisa elle . lá isso é verdade... mas eu é que hei de corrigir... cá ao meu modo. Os negros tambem são ruins e eu os amanso . Está decidido ! o Sr. Felipe não quer voltar ao Ceará, senão formado . desobedece as minhas ordens ? .. pois eu irei buscal-o e então veremos... veremos...

Neste momento vieram chamal-o.

Livia se achava gravemente incommodada.

*
* *

Deste dia em diante a vida da pobre menina tornou-se um martyrio intoleravel.

Por causa do seu estado melindroso e quasi desesperado, Luduvico teve de adiar a sua resclução de ir até ao Recife em busca do filho rebelde.

Entretanto, o estado de Livia aggravava-se cada vez mais.

Foram chamados ao engenho os primeiros e melhores medicos da capital : observaram a doente, interrogaram-lhe e recitaram remedios que, como esperevam, foram improficuos.

A moça consumia-se lentamente, sob a impressão deletéria de um mal moral completamente incuravel.

A medicina confessava-se impotente e recuava espavorida diante do progresso daquella molestia desconhecida e nunca observada em sua clinica.

Os remorsos consumavam a obra começada pelo desengano.

Não se morre de amor, é certo : mas morre-se de dôr e de desespero.

Morre-se de vergonha.

Comtudo, Livia conservava-se ainda de pé, e, embora resignada á sorte que a esperava, chorava ainda e muito.

Póde-se, entretanto, afirmar ; já não chorava de saudades por seu primo ausente, não lastimava o seu amor perdido : chorava, lastimava a sua innocencia morta, a pureza de seu corpo manchada por sua propria culpa, n'um momento de allucinação febril.

Tinha febre todas as tardes e, entretanto, os medicos não lhe encontravam affecção alguma no peito.

Morria de desgosto.

Uma noite, despertou ella dando um grito agudo e dilacerante.

Laurinda, que se havia mudado para o seu quarto, afim de prestar-lhe cuidados immediatos, acordou de sobresalto e correu a ella :

—O que tens ?

Livia sentára-se no leito com os olhos innundados de lagrimas abundantes.

—Felippe vai casar-se !—respondeu suspirando.

—Estás douda ?

—Affirmo-te.

—Ora.

—Sonhei-o agora mesmo.

—Deixa-te de loucuras .. isto não passa de um sonho.

—Sonho, sim ; mas, quando o corpo dorme, o espirito véla.

Vi a noiva de meu primo... é uma bonita rapariga morena e que o ama tanto como eu. . . o amei.

—Deixa-te disso, Livia ! não vês que estás te agoniando ainda mais. . . Deita-te de novo e dorme.

Livia tinha o olhar fixo no espaço.

Chama-se Maria ;—continuou ella — e Felippe não a ama.

—Então, como vai casar-se ?

—Para não morrer.

—Isso é demais.

Livinha curvou a cabeça murmurando :

E entretanto é a verdade.

Laurinda forçou-a suavemente a deitar-se de novo e, ao retirar-se, ouviu-a ainda sussurrar estas palavras :

—E esqueceu o nosso juramento ! .. ingrato !

Com pouco Livia dormia.

Do dia seguinte em diante não se ergueu mais do leito.

A molestia— si este nome se póde dar a semelhante estado —apoderou-se della completamente

Decorreram ainda oito dias. No fim delles, das oito para as nove horas da noite, Livia começou a sentir uma impaciencia, um desassocego fóra do commum.

Pediu para sentar-se e, apoiando-se na prima, conseguiu fazel-o com difficuldade.

Mandou chamar toda familia e quando a vio reunida ao redor do seu leito, passeou a vista sobre todos e começou a despedir-se.

—Meu tio, conheço que se approxima a minha ultima hora.

—Não digas isto, criança !—repliqu o velho com as lagrimas a lhe saltarem dos olhos.

— Não chore ; é melhor assim : sempre fui de opinião de que a morte não é um mal. Ella só faz medo a quem não póde contar com a misericordia de Deus... mas eu... eu espero que me haja de perdoar.

— Perdoar-te .. o que ? pobre anjo.

— O crime que commetti... para com elle.

Toda a familia chorava sem comprehender o sentido daquellas palavras, para ella cheias de mysterio.

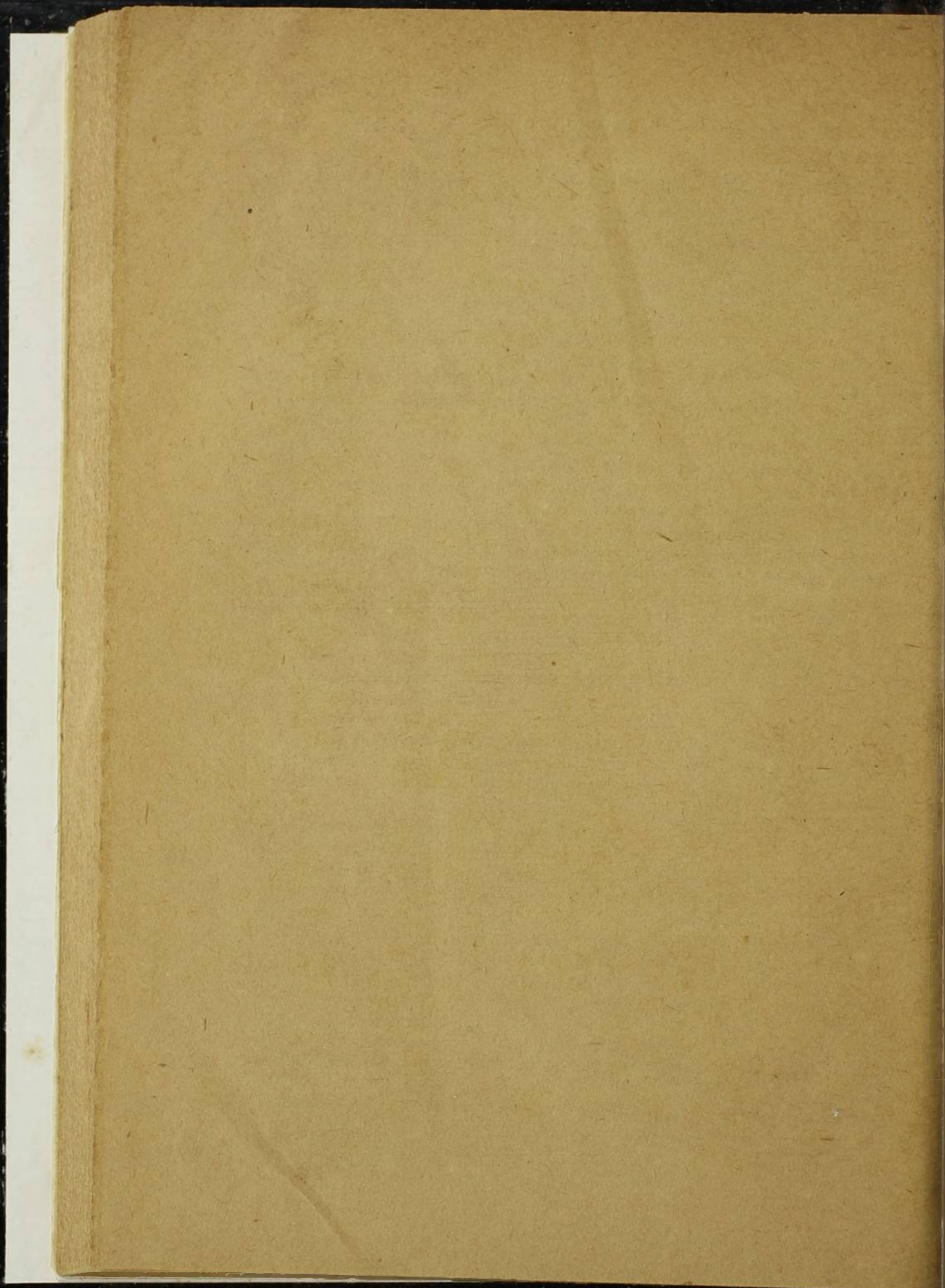
— Adeus ;—continuou a pallida moça, com a voz a enfraquecer cada vez mais — adeus. Si alguma vez lhes dei algum desgosto, perdoem-me e abençoem-me por meus pais que ja não vivem. Sua benção trar-me-ha o perdão de Deus e com elle a felicidade eterna.

Estendeu os braços descarnados para os tios. Ludovico correu para ella e beijou-a na frente.

Livia estremeceu suavemente, sussurrou ainda uma vez o ultimo—adeus— e, entreabrindo os labios n'um sorriso de alegria celeste, nos braços do tio, por entre as lagrimas e as saudades de todos que a cercavam, restituiu ao céu, n'um ultimo suspiro, a sua alma que tanto soffrera na terra.

*
* *

Nesta mesma hora, em Olinda, desmaiava Maria ao subir o primeiro degrão do altar, onde se ia celebrar o seu casamento.



XIV

Dez horas da noite acabavam de soar nas torres da vetusta Sé de Olinda.

Sentado na canôa, em que havia embarcado, Felipe fincava os cotovellos nas pernas esobre as palmas das mãos repousava a cabeça.

O mancebo pensava : em que ?

Por uma estranha aberração, o seu pensamento, sem motivo algum apparente, abandonara o logar em que estava e fôra, voejando, pousar nos campos cearenses.

Felippe recordava-se da vida feliz e descuidada da infancia; rememorava, com tristeza sincera e profunda, as scenas fagueiras do seu amor esquecido, e tinha saudades.

A imagem da prima, como o anjo evocado, apparecia-lhe então em todo o esplendor da sua mocidade, com todo o encanto do seu coração amoroso.

Veio-lhe ao espirito o juramento que com ella trocara naquella noite de despedida, tendo por mudas testemunhas Deus e a natureza.

Confragio-se-lhe o coração com aquella lembrança, e dos seus olhos, máo grado á sua vontade talvez, começaram a correr algumas lagrimas.

Que doces e gratas recordações ! mas tambem que amargas lembranças !

Lembrava-lhe o tempo de férias, e com elle o crime, a cobardia que praticara com a innocente e louca menina.

Parecia-lhe que Livia, pallida e desgrenhada no desespero do abandono, bafejava-lhe o rosto febricitante com o seu halito perfumoso.

Si já não estivesse com a alma tão carcomida pelos vermes da devassidão e dos vicios, Felipe sentiria remorsos.

Entretanto, não eram esses os sentimentos que acabrunhavam o seu coração, nem as agonias que lhe mortificavam o espirito.

Não.

Felippe tinha, a remorder-lhe o coração e a despedaçar-lhe a alma, o desespero... a raiva impotente de ter sido vencido na lucta, que, ha tanto, sustentava com as leis moraes da sociedade.

Casára-se.

Os seus desvarios, as suas constantes loucuras tinham tido um fim, que elle nunca previra.

Dotado de intelligencia robusta, filho de uma familia importante e possuidora de grande fortuna, o mancebo vira-se de repente obrigado a contrahir um casamento desigual e que para sempre cortava o seu futuro.

Era esta pelo menos a sua opinião.

Pela primeira vez pensava Felipe no futuro : e negro apprecia-lhe elle.

O que diria, o que pensaria seu pai, quando recebesse a noticia daquelle consorcio fatal ? Acreditaria na violencia por que elle passara, e a que cedera na difficuldade de sobrepujal-a, ou supporia antes que fôra ella um pretexto para legitimar uma resolução, que seria, com certeza, reprovada.

E, mais do que seu pai, o que pensaria sua prima, Livia, a quem elle por fatalidade inaudita e por effeito de sua vida dissoluta, não amava já, é verdade ; mas a quem, entretanto, o ligava o dever ?

Naquelle momento de mudo e irremediavel desespero, vinha-lhe ao espirito agoniado a imagem da moça, que elle sacrificara nas aras profanas da sua lascivia.

Lastimava-a então, sentia não poder restituir-lhe as suas azas de anjo, a pureza e candidez que elle havia manchado com o seu polluto contacto de demonio.

—Livia !—suspirou elle com o coração a regorgitar de agonias—Livia ! era ella o anjo tutelar de minha vida : amava-me com verdade e sem interesse. Era o calice puro da flôr, onde eu, douda borboleta da vida, iria finalmente descançar a minha frente.

« E fosse eu quem fosse, ella havia de acolher-me com os sorrisos do amor, com a meiguice do agradecimento e, mais que tudo, com o balsamo do perdão.

« Vivia por mim e para mim aquella criança. E agora o que será della, quando souber que o sonho constante do seu coração já não se pôde realisar ?

« Como estalará de dôr a sua alma, ao receber o golpe que murcha todas as suas esperanças e transforma as flôres do seu coração em espinhos infecundos, as veigas da sua vida em plainos estereis de negro cemiterio !

« Pobre Livia ! »

Por natural successão de idéas, fluctuou-lhe na mente a imagem de Maria.

Já não era a simples filha do povo, cuja posse elle cubicára e cuja perda planeára com sangue frio e cynismo.

Era sua mulher—a mulher cujos beijos e gosos santificava agora o laço que o ligava.

A sua posse perdera todo o encanto e todo o prestígio para elle : a pobre moça aborrecia-lhe.

Sem motivo plausível, sem razão confessável, Felippe odiava-a.

Maria para elle representava, de ora em diante, o espectro do seu passado ; o algoz da sua vida actual ; a imagem fiel do anjo collocado á porta do seu paraizo, para prohibir-lhe a entrada.

Galé do casamento, Maria era a braga de ferro que elle arrastaria toda a vida.

D'ahi o desespero enorme que se apoderava da sua alma : d'ahi o odio repentino que a moça despertava nelle.

Não era só a indiferença : era mais.

Fôra por isso que Felippe, apenas restituída a noiva á casa de seus pais, fugira della como um louco e embarcára em uma canôa sem fito certo, sem resolução formada, mas com o unico fim de interpor, entre si e sua mulher, a maior distancia possível.

*
* *

A canôa vogava, mas vogava lentamente ; contra a sua marcha luctavam a maré que enchia, e o vento que sibilava por entre os mangues das duas margens do rio, como o grito contristador e agoureiro da coruja.

Não havia luar, mas tambem a noute não estava completamente escura : a luz pallida das estrellas dava uma meia claridade,—tanto quanto bastava para que se divisasse perfeitamente as duas margens do Beberibe.

Pelo meio do rio singrava a canôa.

Felippe, depois de longa e penosa meditação, erguera a cabeça pesada de tantos pensamentos amargos e fitou o logar agreste por onde passava.

Nova ordem de idéas inundou-lhe o cerebro : e então, começou elle a pensar no novo rumo que daria á sua vida.

Abandonaria os estudos... ou continual-os-hia ?

Neste caso seria impossível viver longe do lugar onde habitava sua mulher.

Era isto justamente o que elle mais queria evitar.

O que faria, pois ? Incapaz de resolver naquelle momento o problema, em que tão repentinamente se envolvera a sua vida, o estudante adiou para mais tarde o seu estudo e a sua resolução.

—Depois que estiver no Recife, pensarei nisto ;—disse elle comsigo mesmo.

Neste momento, voltando os olhos para um lado, vio no isthmo de Olinda um vulto branco que, tranquillo e de pé como uma estatua, se destacava sobre o fundo negro do horisonte.

—O que é aquillo ?—perguntou elle ao canoeiro.

—Aquillo o que, *sinhõ* ?

—Aquelle vulto branco que alli está no meio do areial do isthmo ?

—Não é a Cruz do Patrão, *sinhõ* moço ?

—Não :—observou o mancebo pondo-se em pé na canôa e olhando com mais attenção — a Cruz está mais ao lado e não apresenta um aspecto tão branco... fallo daquelle outro vulto...

—Ah ! estou vendo agora, *sinhõ*.

—O que é ?

—*Eh !* parece uma *muié*

—Uma mulher ?... alli a semelhante hora ? é impossivel !

—*Ohô as vez vai gente alli tomá banho de noite.*

—Mas alli só tem uma pessoa.

—Não vejo mais ninguem.

—Bota a canôa para lá.

—*Sinhõ qué ?*

—Toca.

—*Mas porém...*

O negro coçou a carapinha.

—Mas... o que ?

—Alli é a Cruz do Patrão.

—O que tem isso ?

—*Diz que alli apparece as vez aimas do outro mundo.*

Felippe deu uma gargalhada.

—*Ohô ! sinhõ ri-se ?*

—Almas do outro mundo !... Pois, si fôr alguma, tanto melhor. Ha muito que desejo travar conhecimento com algumas dessas sujeitinhas. Toca.

O pobre negro fez o signal da cruz com toda a devoção, e depois, enterrando a pesada vara no fundo do rio, murmurou em forma de exorcismo.

—Vai-te, mandinga !

A canôa deslizou para o ponto, onde alvejava, immovel, o vulto que attrahira a attenção do estudante.

Com aquelle incidente varrera-se de todo do coração do rapaz o desespero, que tanto o acabrunhára até entãc.

Era de uma volubilidade espantosa aquelle espirito.

Suppondo ser aquelle vulto uma mulher, já Felippe sonha-

va com mais alguma aventura, digna das tantas de que tinha sido heróe.

A canôa approximava-se da praia e já distinguia-se perfeitamente todos os objectos e os seus contornos.

Era, com effeito, uma mulher o vulto que, em pé, se achava no isthmo.

A canôa abicou. O vulto não fez um só movimento.

O negro canoëiro soltou a vara e, devagar, foi ter com o estudante.

—*Eh, sinhó* :—disse elle baixinho :—*é mió a gente se i embora, sinhó ; muiê aqui, nesse hora, não póde ser cousa bôa.*

—Vai-te para o teu logar.

—*Sinhó, Sinhó !...*

—Tens medo ?

—Eu ?

—Vaes ver como se falla com uma sujeita que anda por taes logares e a semelhantes horas.

E levantando a voz, o mancebo bradou para o vulto :

—Olá ?... bôa noute, menina.

Uma voz suave, branda, harmoniosa como o brandir de uma nota de harpa, respondeu-lhe do areial :

—Bôa noute.

—Está perdida ?—continuou o estudante.

—Não, senhor.

—O que faz então por aqui ?

—Vou á Olinda.

—Sósinha ?

—Sósinha.

—A pé ?

—A pé.

Felippe affagou uma idéa das suas :

—Quer ir embarcada ?

—Não tenho dinheiro para pagar a canôa.

—Não seja essa a dúvida. Cêdo-lhe um logar aqui ao meu lado : acceita ?

—Com muito gosto.

—Então vou buscal-a...

—Não é preciso... eu mesma irei.

O vulto de mulher encaminhou-se para a praia.

Ao approximar-se da canôa, Felippe estendeu-lhe a mão.

—Obrigada :—disse a mulher de branco e, saltando para dentro da grosseira embarcação, sentou-se no banco da pôpa.

Era uma mulher de estatura regular, franzina, esguia ; mas envolvida em amplas roupas de uma alvura nitente.

Se era moça ou velha, bonita ou feia, era impossivel averigual-o, porque ao se approximar da canôa, puchára para o rosto um véo branco, que o encobrirá totalmente.

—Toca para Olinda, mestre canoeiro ! —bradou o estudante, apenas a mulher se havia sentado.

A canoã affastou-se de terra velozmente.

Felippe mirava a desconhecida e procurava descobrir, através do véo, a sua physionomia : adivinhava pelos contornos das roupagens as fórmulas voluptuosas e seductoras da aventureira desconhecida, e estava prestes a entabolar uma conversação que conduzisse directamente ao fim que elle almejava.

—Como se chama, minha bella? —perguntou elle com familiaridade, que aliás autorisava um encontro de tal natureza e em taes circumstancias.

—Que lhe importa o meu nome? —replicou a desconhecida com um tom de voz que fez o rapaz estremecer insensivelmente, ao passo que ao espirito fazia-lhe subir esta pergunta :

—Onde já ouvi eu esta voz ?

Felippe approximou-se da desconhecida, e ella, chegando a roupa ao corpo, recuou um pouco para o lado.

O rapaz continuou :

—O que importa ? entre pessoas que viajam na mesma canoã e para o mesmo logar, não é de estranhar que mutuamente se digam os nomes. Eu chamo-me Felippe.

—Já o sabia.

—Como ? conhece-me ?

—Quem é que não o conhece !

—De veras ?

—De véras.

—Mas a . . . senhora . . . quem é ? diga-me.

—Não posso.

—Levante este véo por um momento . . . por um instante só.

—Não !

—Quero ver . . .

—Se sou bella e moça ? affirmo-lhe que o sou . . . moça e bella, como o goivo que nasce ao pé dos tumulos.

—Que feia comparação !

—Faça outra, si quizer eu, por mim, digo-lhe a verdade.

—Pois bem : admitto que não me diga quem seja, e que me occulte o seu rosto . . . é um meio de enlouquecer-me de amor e de se fazer mais desejada ; mas ao menos ha de me dizer de onde vem.

—Oh ! de muito longe . . . de muito longe ! . . .

—E o que vai fazer á Olinda ?

—Vou . . . buscar o meu noivo.

—O seu noivo ? ! exclamou Felippe cheio de espanto.

—Sim : —respondeu a desconhecida com toda a simplicidade o meu noivo.

O estudante deu uma risada cheia de incredulidade. A desconhecida olhou-o fixamente.

— Ora ! — proseguio o mancebo — ha de convir que o seu noivo é um ingrato !

A desconhecida suspirou.

— Deixa-a aqui...

— Não foi aqui que elle me deixou...

— Onde foi então ?

— Muito longe.

— Aonde ?

— Não posso dizer.

— Para que esse mysterio ? Diga com franqueza quem é e o que vai fazer á Olinda. Si tanto se esconde para fazer-me impressão... declaro-lhe que é já por demais a experiencia. Estou vencido e rendo-me á discripção.

— Como assim ?

— Estou apaixonado ..

— Por quem ?

— Pela senhora.

— Por mim ?

— Sim.

— Mas eu já tenho um noivo.

— Um noivo que abandonou-a, que não se lembra da senhora... que talvez já ame a outra mulher .

— Talvez... — suspirou a desconhecida, abaixando a cabeça.

— Portanto, esqueça-se d'elle tambem... Aceite um amor sincero, embora inesperado.

— O seu ?

— Sim : o meu !

— Mas...

— Não hesite... mais !... ame e deixe-se amar.

— Mas eu sou muito exigente.

— Como então ?

Quero o seu amor só para mim.

— Assim será.

— Jura-me ?

— Juro.

— Pois bem amanhã...

— Não ! hoje mesmo... agora.

Felippe aproximou-se mais da desconhecida ; esta recuou de novo.

— Oh ! não fujas ! — murmurou o rapaz... não fujas !

E rapidamente passou o braço esquerdo pela cintura delgada da desconhecida, enquanto com a mão direita levantava o véo que lhe encobria o rosto.

Dois gritos agudos partiram ao mesmo tempo.

—Livia!—bradou o estudante, recuando com os cabellos eriçados e a tremer.

As roupagens brancas da desconhecida desapareceram como por encanto, e, em seu lugar, erigio-se a esqualida estrutura de um esqueleto descarnado.

—Ou teu ou do tumulo, disseste tu : ou tua ou da morte, disse eu :—murmurou a bocca desdentada da caveira, ao passo que um riso tetrico e rouquenho acompanhava essas palavras — Portanto, adeus.

E, abrindo os braços, o feio esqueleto apertou de encontro á caverna descarnada do peito o corpo trémulo e convulso de Felippe.

.....

EPILOGO

Pela manhã do dia seguinte encontraram, encalhada na praia do Varadouro, uma canôa, e dentro d'ella, completamente desmaiados, um canoeiro e um moço pallido, de cabellos todos brancos.

Foram os dois homens recolhidos immediatamente a uma casa proxima, e prestaram-lhes então os urgentes soccorros que o caso requeria.

O canoeiro tornou logo a si, e, ainda assustado e a tremer, contou na sua rude linguagem o estranho e sobrenatural acontecimento, a que tinha assistido durante a noite.

Nem todos acreditaram no caso ; mas ás duvidas que lhe oppunham, respondia elle com toda a segurança :

—Eu vi.

E appellava para o testemunho do seu companheiro de aventura.

O moço pallido, que não era outro senão Felipe, cujos cabellos embranqueceram durante aquelle momento de terror, custou mais a recobrar os sentidos.

Finalmente, porém, depois de serios cuidados, tornou a si; e quando todos perguntavam-lhe a palavra daquelle mysterio e esperavam d'elle a explicação da verdade, ouviram proromper de seus labios uma estridente gargalhada e esta palavra muitas vezes repetida com terror :

—O esqueleto ! o esqueleto !

*
* *

A's dez horas do dia, vendo todos de casa que Maria — a morena noiva de Felipe — não apparecia na sala e estranhando esse facto, a mãe de Miguel correu a seu quarto e entrou.

Deitada sobre a cama, ainda com os vestidos do noivado a infeliz moça parecia sorrir.

A pobre velha aproximou-se e chamou-a.

A moça não se moveu.

A afflicta mãe segurou-lhe então em uma das mãos, que re-

pousava sobre o seio e, com um grito de dor chamou seu filho e seu marido.

Entraram ambos de um só impeto e precipitaram-se para o leito.

Maria estava morta.

*
* *

E' impossivel pintar o desespero d'aquella familia.

O pranto, que é sempre a linguagem mais expressiva diante de quadros de tal natureza, cedia alli o lugar ao furor, furor mudo e concentrado—raiva febril que termina sempre na vingança.

Foi o que fez Miguel.

Dirigio-se á autoridade denunciou a morte da irmã como causada por Felipe.

Procedeu-se a inqueritos e instaurou-se processo ; mas quando se teve de interrogar o réo, a justiça recuou espavorida : a vingança cedeu o passo á piedade e o processo ficou sem effeito.

Felipe estava louco, e, a todas as perguntas que faziam, respondia invariavelmente a mesma cousa :

—Foi o esqueleto.

*
* *

Ha dez para doze annos existia ainda no Hospital da Misericordia em Olinda, esse louco.

Já velho, alquebrado, não só pelos annos, como pelos soffrimentos, passava elle os diassentado e a contemplar o espaço, em mudo e extraordinario extasis.

Tinha a physionomia triste e sombria.

Quando acontecia que alguém, visitando aquelle estabelecimento, se approximasse do pobre louco, era raro que elle, interrompendo por um momento a sua contemplação dolorosa, não lhe dissesse com ar de mysterio :

—Tome cuidado com o isthmo. A' meia noite, vaga por lial o branco esqueleto de uma noiva que eu matei de desgosto. iŝ o senhor enconral-o alguma vez... não se esqueça de lhe

dizer que venha buscar-me. Tenho soffrido muito e ha tanto tempo.

Depois, abstrahindo-se pouco a pouco, começava a dizer cousas incoherentes, até que fitando os olhos pasmos no espaço, de novo se engolphava inteiramente no seu extasis habitual.

Em Olinda, a historia do moço estudante com o seu epilogo phantastico, se conservou até hoje como uma tradição religiosa, que os pais contam aos filhos como um exemplo de um castigo justamente infligido á devassidão e ao perjurio.

E quem ainda hoje, desprezando os commodos e a rapidez da via-ferrea que do Recife conduz a velha capital de Pernambuco, a ella se dirige, por phantasia romantica, pelo rio Beberibe, não raras vezes, ao confrontar com a Cruz do Patrão, ha de ouvir o canoeiro lhe dizer :

—Foi alli que embarcou o esqueleto.

E mais adiante :

—Foi neste logar que elle abraçou o estudante e lhe tirou o juizo.

FIM

J. B. Swan

1785

18

25261

